

# Notícias de Guimarães

Ano 16.º N.º 1752  
GUIMARÃES, 6 de Abril de 1947  
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4818  
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177  
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Estamos no tempo em que se comemora o drama do Calvário — o maior drama que aconteceu na Terra. Maior em todos os sentidos; e tão grande ele foi que não há recanto do mundo onde não seja conhecida a ferocidade com que foi cometido.

Havia um homem, nazareno de origem, nascido entre animais sem espaventos mundanos, que dava vista aos cegos, curava os doentes, abrasava de um amor sobrenatural as virgens, arrebatava as multidões, pregava uma doutrina tão perfeita e tão compreensiva que nenhum sofista se atrevia a deturpá-la... Até então não houvera ninguém que se lhe comparasse. Servia-se dos pobres para confundir os ricos; distribuía o bem material para conquistar almas para a virtude; abeirava-se dos humildes e ignorantes para arrasar com uma eloquência inaudita os sábios e os vaidosos.

Um dia, prenderam-no. Não tem advogados nem precisa. Quando os Seus lábios se abrem é para esfrangalhar as arengas soezes dos juizes. Entretanto, o povo, essa massa inconstante de cabeças e de opiniões, que, em conjunto, não sabe nem o que quer, nem o que pensa, nem o que faz, e, em particular, tem volições puramente individuais, porque não há duas vontades irmãs, berra e pede que O matem, como se berrasse numa bacanal, pedindo vinho.

Que mal fizera? — Ninguém o podia dizer. E aqueles mesmos que agora gritavam furiosamente pela Sua morte, há pouco, tinham juncado de ramos as ruas de Jerusalém e tinham-Lhe cantado hossanas festivos.

Mas é sempre assim. Odeia-se aquilo que não se possui ou que não há possibilidades de vir o possuir. O deshonesto odeia o homem honesto, porque não pode admitir que ele se avilte e os outros não; o mau odeia o bom, porque não pode compreender outra coisa que não seja o cumprimento das suas execráveis veleidades; o libidinoso odeia o puro, porque só quer ver tremedais de luxúria onde possa refocilar à vontade os seus apetites carnaís. E por aí adiante.

Desta forma, este homem, que era Deus, tinha de ser odiado. O povo queria a Sua morte. Estava também escrito que morreria pela Sua doutrina, para regeneração da humanidade, para que da podridão do mal, que empastava o mundo, surgisse a flor do Bem, que tem fra-

gâncias tão subtis que nem a morte faz desaparecer. E, no alto do Gólgota, entre risos e escárneos, com os braços abertos como quem, apesar de tudo, ainda quer abraçar aquela multidão desvairada, morre sem um lamento, sem um queixume, sem um alívio.

De então para cá, não houve também outro homem que se Lhe iguallasse; não apareceu reformador que tão bem convencesse; não se encontrou sinceridade tão amiga e tão isenta de interesses, que se pudesse acolher. Ele não nos ensinou uma doutrina aplicável só a certas classes. Não distinguiu categorias de homens e muito menos foi trombeta de uma ideia que não pudesse ser realizada. A Sua lei que parece tão complicada e que é tão difícil de se cumprir erige-se numa única palavra: Amor. Nasceu por amor, viveu por amor, morreu por amor e ensinou por amor, como único e indestrutível pilar para a paz social e bem individual. Isto, há quase dois mil anos. E' muito tempo para inteligências como a nossa que não fazem sequer uma ideia perfeita do que sejam dois mil anos. Está esquecido o drama mais pungente que se pode conceber. Fala-se nele e dele mas apenas com a boca e não com o coração. Prega-se o amor e pratica-se o desamor. Fala-se de Cristo e da Sua doutrina para seu proveito próprio, mas fomenta-se a desordem e o desequilíbrio, com acintes de carrasco. Sabe-se que há fome em muitos lares, quando noutros há super-abundância, e favorece-se os felizes com desprezo maior para os desgraçados. Sabe-se que há ladrões e que há mendigos e condecoram-se os ladrões, calcando os mendigos.

Foi para isto que Cristo morreu? Não, não foi para isto. A doutrina é boa e é eterna. Todos sabem que existe, que é a única verdadeira; a dificuldade está em que não se cumpre, mesmo por muitos daqueles que se dizem seus defensores e protectores. Defendem-na e protegem-na para sua defesa pessoal, por seu interesse e não por cumprimento aos princípios que Lhe servem de base — razão por que a lembram e aconselham, mas não a adoptam.

*Mortuus est! Morreu! Nasceu a verdade cristalina. Aponta-se essa verdade mas negam-se os meios de a alcançar.*

Ferreira Torres.



## MORTUUS EST

### “Notícias de Guimarães,”

Deseja BOAS-FESTAS aos seus Colaboradores e Amigos.

## EXULTEMUS...

(QUADRO PASCAL)

Ao J. Gualberto de Freitas, em homenagem.

Repica o sino da aldeia, Troam foguetes no ar! Não há ninguém que descreia Da festa, de graça cheia, Que faz a alma exultar!

Pelas quebradas do outeiro, Nesse dia sem igual, Descia, qual mensageiro, Em cortejo prazenteiro, Mais um Compasso Pascal.

Resplandecente, argentina, Ornamentada de flores, Vinha, à frente, a Cruz Divina; E um festão de balsamina C'roava o emblema das dores!

Pastor, que infunde respeito, Vinha, a seguir, o Prior; — Roquete fino, a preceito... 'Stola de oiro sobre o peito, Na mão, uma rosa em flor!

Vêm, em plano derradeiro, As personagens espertas Do mordomo e tesoureiro; — Um arrecada o dinheiro, O outro recebe as ofertas.

Falange campainheira, De braços postos à prova, Bimbalhava prazenteira... — Todos, como o da caldeira, Envergavam opa nova!

Na casa do pobrezinho, Onde a vida é bem ingrata, Há uma pinga de vinho, Um fusil de branco linho, Uma moeda de prata.

Na dos ricos, sala acima, Também se vivem instantes, Em que a conversa se anima; E aparece obra-prima De pitéus estravagantes!

E naquele alegre ambiente, Em colóquio ameno e terno, Todos fazem voto ardente, De viver perenemente No convívio mais fraterno.

«E' que a Páscoa é sacrossanta «Ressurreição do Senhor! «Dia de alegria tanta, «Que a nossa alma se encanta... — Diz, em voz grave, o Prior.

Sol posto, o sino da aldeia Continua a badalar; Não há ninguém que descreia Da festa, de graça cheia... Vai a jornada a findar.

Campanários setiformes Das medievais catedrais, (Crença, não morres, só dormes!...) Vossos carrilhões enormes Podem avivá-la mais!...

Repica o sino da aldeia, (O' linda quadra pascal!) Não há ninguém que descreia Da festa, de graça cheia, — Da Páscoa de Portugal!

Páscoa de 1947.

MENDES SIMÕES.

## Cartuchinho de Amêndoas

Tanto pode estar cheio de amêndoas humildes como de bebés ou fantasias francesas — quando se oferece representada sempre doçura.

Afirmou Spencer Jones que, quanto maior é o período de pulsação de uma estrela, maior é o seu brilho. No céu como na terra: a mulher só brilha enquanto é amada.

### Para os Entrevados de S. Domingos

Do Sr. Prior da V. O. T de S. Domingos recebemos a quantia de Esc. 206.000, proveniente de parte do seu comunicado que publicámos no último número, acerca da debatida questão da Assembleia Geral da mesma Ordem. A referida importância foi por nós entregue ao Tesoureiro da mesma Ordem Terceira, com o pedido de, com ela, ser melhorada a refeição aos Asiados no dia de Páscoa. Essa foi já a nossa intenção ao exigir, dentro do estabelecido por Lei, o pagamento de parte do comunicado que inserimos no domingo último.

Casar por casar, não, de modo nenhum.

Ser infeliz, é irremediável. Mais vale viver sempre no rodado anseio de «esperar por quem há-de vir».

Fair-play é a teoria amável deste momento.

Seja alegre, seja simpático, seja agradável — com sinceridade.

Em Moscovo, atiram à cabeça uns dos outros com as mais tremendas verdades — mas sem nunca perderem o sorriso.

Em geral, o ciumento não é o que mais ama — é aquele que menos confiança tem em si próprio.

Dar conselhos não serve para nada. Cada um tem a sua ideia.

E a falada experiência alheia nada adianta.

Só a própria conta.

E' preciso sofrer para saber.

O escritor parece que está escrevendo só para si.

E é para os outros, afinal.

Se nós — os que escrevemos e os que lemos — somos todos irmãos...

Tão pouco — e é tudo! A voz que, súbitamente, se

## FEMINISMO Horas magoadas

Por Ludovina Frias de Matos.

Eu nunca fui feminista no sentido rebarbativo do termo. Se por feminismo se entender a revindicta, o antagonismo, a rebeldia, a invasão e transposição das condições naturais de cada sexo, eu não sou nem nunca serei feminista. Não admito o homem ama-seca nem a mulher-carrasco, por exemplo.

Sou, sim, sempre fui e hei-de ser sempre, pela emancipação da mulher, pelo seu sagrado direito à vida, ao trabalho, à liberdade e à felicidade — direito à vida digna, ao trabalho compensador, à liberdade compatível com a liberdade alheia, ao quinhão de felicidade devido a todo o ser pensante. Mas isto não é ser feminista, é, apenas, ser razoável...

Nesta ordem de ideias, os meus horizontes são vastos. Acho tão legítimo uma mulher guiar um volante, comodamente sentada na almofada dum automóvel de luxo, como um homem vender meadinhos de lã ou fitas de nastro, encostado ao balcão de qualquer loja de miudezas.

Não me convence do contrário a estafada ária da fragilidade feminina. Se os homens são para as ocasiões, ocasiões há em que a mulher, fazendo das fraquezas força, realiza prodígios em surpreendentes provas de resistência física e espiritual. A luta contra a adversidade, a dedicação pelos entes queridos, as vigílias à cabeceira dos enfermos, o martírio

de certos calvários domésticos traduzidos em intermináveis sacrifícios, testemunham a fortaleza do calunioso do sexo frágil...

Quanto ao resto, bater as teclas duma máquina de escrever, ao canto do escritório, ou redigir um artigo, à banca dum jornal, não será mais violento do que manejar uma enxada de sol a sol, embora ao ar livre... Aquela campônia que ali, na quinta, durante semanas e semanas, britava pedra oito horas por dia, velando, ao mesmo tempo, a filha pequenina a dormir regaladamente sobre uma caminha improvisada à sombra da fatelada amoreira à qual eu ia arrancar folhas para a manutenção dos meus extintos bichinhos da seda, aquela campônia dá lições de energia a muito cidadão que apesar de pôr navalha na cara não pode com um gato morto pela cauda. A propósito do despropósito, peço licença para lembrar a façanha relatada pela imprensa, de duas destemidas pastorinhas, uma de doze e outra de sete anos, que à paulada espantaram dois lobos famintos, salvando se e salvando o rebanho — pedindo licença, igualmente, para lembrar o susto daquele pobre diabo que ao ver um lobo solitário, perdeu a fala — sem ofensa aos valentões que pegam toiros «à unha» e sem menosprezo das mimo-

(Conclui na 6.ª página)

O homem quedara-se parado e atento no limiar da porta da sua pequena casa que um quintalório cercava.

A manhã apresentara-se de sol, de um sol claro e radioso que emprestava a tudo um ar de festa e de Ressurreição!

Do lado da serra soprava um ventinho áspero que o sol apenas amenizava.

Trazia pelo vento, já há muito que se ouvia o som da campânia do compasso: dlim... dlim... dlim... anunciando a visita do Senhor Abade, nesse domingo glorioso a que a Primavera imprimira o seu beijo inegalável, como para compartilhar e colaborar no mistério festivo que alegrava a alma dos crentes.

O som aproximava-se agora, pois os dlim... dlim... eram cada vez mais nítidos, e, escutando os, o homem apertava as mãos uma contra a outra, com um ar de hesitação e até de receio, que espantaria quem desconhecesse a sua história — história que de resto era banal e simples, uma dessas histórias de todos os dias, que passam despercebidas a toda a gente e que só para quem as vive assumem o aspecto de tragédia.

A porta estava aberta. Lá dentro, quase no limiar, via-se uma pequena mesa coberta de toalha rendada e alvíssima, tendo em cima uma laranja e um pires. Na laranja, estava

meia enterrada uma moeda e no pires colocara outra. Era uma para o Filho, cuja imagem em frio crucifixo de prata o filho do tio Zé Gralha, todo flamante na sua fatiota nova, lhe daria a beijar — e a segunda a oferta para o abade.

Era assim que ela dantes fazia, fóra sempre assim que ela fizera durante os quinze anos que durara o seu matrimónio, mas não tornaria mais a preparar tudo isso que para ela tomara quase foros de ritual, pois fizera já três meses que a vira sair aquela porta branca e fria, no seu caixão!

Ao pensar nisso, o homem apertava com mais força as suas mãos calosas de operário uma contra a outra.

Quem o havia de dizer! Alta, com aspecto de forte, e belas cores, tendo sempre um sorriso a bailar-lhe nos lábios; sim, quem havia de julgar que ela trazia em si o germem terrível e destruidor da tuberculose? Realmente, desde que nascera o último petiz, havia já cinco anos (mas que também não vingara como mais três que com espaço tivera) que ela lhe parecia menos activa, e de vez em quando dava-lhe para tomar fortificantes. Telhas de mulheres, resmungava. «Come bem e bebe melhor, já que te não falta quê, que

(Conclui na 8.ª página)

COISAS...

desagradáveis

Ver estoirar inofensivos Judas de papel em vez de alguns de carne e osso que por aí existem.

— Dizer que sim, para depois dizer que não.

— Termos um único hotel e no mesmo haver dificuldade para preparar um banho.

— Ver mutiladas as árvores do Jardim Público, mercê de uma poda esquisita, assim em jeito de boné de pala...

— Apreciar as muitas guloseimas por aí expostas, e não haver, a cada passo, açúcar para as necessidades caseiras.

— Andar sujo, por não haver sabão.

— Ver uma criança pobre encostada a uma dessas montanhas de tentação, agora na Páscoa.

— Estar uma roda de amigos e um só monopolizar a conversa.

— Esperar tempo indeterminado pelo contingente de doentes e ver este diminuído em quantidades.

— Pedir com delicadeza e ser atendido grosseiramente.

— Ser uma negação em certa matéria e disso não se convencer, teimando sempre.

— Ser simples espectador de futebol e apanhar com a bola na cara.

— Ter de pedir a um amigo para lhe guardar as costas.

— Ouvir um piano desafinado e um rádio com estridências.

— Ouvir negar uma afirmação feita... pela mesma pessoa.

— Lidar com certas sogras.

Belgatuor.

Governador Civil

E' esperado, nesta cidade, na próxima semana, o ilustre Chefe do Distrito, Sr. Major Nery Teixeira, que visitará algumas das nossas instituições e tomará conhecimento das mais urgentes necessidades do nosso concelho.

Sabemos que o distinto magistrado deve demorar-se possivelmente dois dias em Guimarães afim de estudar alguns problemas que prendem no momento a sua melhor atenção.

Vai o novo Chefe do Distrito ter ocasião de tomar contacto directo com a nossa terra, a cuja importância, por certo, não deixará de atender, para que possa pugnar pela realização das maiores e mais justas aspirações de todos nós. Que seja, pois, benvindo, Sua Ex.ª, à nossa Terra.

torna carinhosa, o gesto das mãos que desejam enlaçar, o aveludado olhar de ternura e de súplica...

Quase nada: um mundo!

Quem consegue viver apenas para a arte, de que se queixa? Mas é mais completo aquele que vive para a arte — e para a vida.

Se o amor dependesse apenas da vontade, com certeza que desaparecia deste egoísta mundo em que ninguém está para se maçar.

Mas como ainda nasce tão espontaneamente como a erva nos jardins, parece que as setas do ladino Cupido não se enferrujarão tão cedo...

Por hoje, chega de amêndoas, mais ou menos açucaradas.

Fechemos o cartucho com esta fita cor de rosa.

Olha... a fita tem umas letras, deixa-me ler: boas-festas. E' o que vos deseja

Aurora Jardim,

F A R P A S

Anda o povo alarmado Com o «inverno pegado» Que se tem feito sentir. Dizem que isto é castigo E... coisas que eu não digo Da arte de bem vestir.

Realmente, quase nuas, Desfilam por essas ruas Certas meninas vaidosas, Sem RESPEITO nem PUDOR A' procura dum amor Que foge das... mariposas.

Outrora nem o artelho... Mas agora é o joelho Que elas trazem bem à vista! E julgam as DESCARADAS Que andando assim e pintadas E' mais fácil a CONQUISTA!

Não, pequenas, há engano. Nem o rapaz mais magano Vai dedicar puro amor A' mulher que se mostrou... FALSA porque se pintou E... muda sempre de cor!

Vestir assim é baixar A mulher — ANJO DO LAR! A mãe — FONTE DE TERNURA! E' perder a honestidade E dar largas à vaidade Mensageira de amargura!...

Se essas FALSAS meninas A' entrada das oficinas — Ou quaisquer outros trabalhos — Fossem, leitor, despedidas, Andavam todas VESTIDAS E não eram ESPANTALHOS!

Se eu fosse ditador Juntava ao Judas-Traidor — Que inda ontem foi queimado, Estas mocinhas vaidosas, Peçonhentas, asquerosas, E ficava sossegado.

Darmoa.

No Teatro Jordão

vai realizar-se, no dia 10, uma interessante festa

Um numeroso grupo de graciosas crianças da vizinha Vila de Fafe, desloca-se a esta cidade no dia 10 do corrente, a fim de realizar no Teatro Jordão um atraente espectáculo, em benefício das obras da Igreja Nova daquela Vila.

Será levada à cena a revista «Fafe a Cantar», em 2 actos e 21 quadros, a saber:

Primeira parte — 1, Valsa; 2, Justiça; 3, Jogo do pau; 4, Cantarinhas; 5, Bonecas; 6, Trança; 7, Pão de Ló; 8, Vira de Fafe; 9, Poesia; 10, Festas da Vila.

Segunda parte — 1, Arco-Iris; 2, Foot-Ball; 3, A Dores, em Lisboa; 4, Cinema; 5, Espanholas; 6, Palhaços; 7, Floristas; 8, Havaianas; 9, Brasil; 10, Milagre; 11, Rosas de Fafe.

Atendendo não só ao fim em vista mas ainda porque se trata de um espectáculo que, segundo informações fidedignas, se vê com muito agrado, é de esperar que na quinta-feira próxima a nossa Casa de espectáculos registre uma encheite, demais que os bilhetes estão sendo passados por senhoras que de bom grado se prestaram a colaborar nesta jornada.

Notícias de Vizela

Iniciou a sua publicação em Vizela, no passado dia 1, este novo colega, quinzenário regionalista independente, que é dirigido pelo nosso prezado amigo Sr. Francisco Armindo Pereira da Costa, tendo como Editor e Administrador, respectivamente, os Srs. Maximino Sampaio de Faria e Damião de Sousa Oliveira.

O primeiro número apresenta-se com variada e interessante colaboração. Desejamos, ao novo colega, cuja visita recebemos, longa vida e as maiores prosperidades.

António Almeida

vai ser homenageado

Os Caixeiros de Guimarães querendo saldar uma dívida de gratidão de há muito em aberto para com o seu devotado Amigo Sr. António Almeida, que foi prestigioso Presidente da sua Associação de Classe, a que prestou, durante anos sucessivos, assinalados serviços, vão prestar-lhe, no próximo sábado, dia 12, na sede do seu Sindicato Nacional, uma significativa homenagem, a que por certo se associarão muitos dos numerosos amigos e admiradores daquele dedicado vimaranense.

Com o maior prazer nos associaremos, também, a tão justa consagração, que será uma nota oportuna do muito apreço em que são tidas as admiráveis qualidades que possui aquele nosso bom amigo.

QUANDO ERA MENINO

Quando eu era menino, como vejo o acto Aqui na retina e tão bem gravado... Eu saía à rua de novinho fato, De boné de pala e de bom sapato, De camisa branca, muito engravatado...

Quando era menino sinos repicavam, Tenho-os nos ouvidos, os de Creixomil... Dúzias de foguetes, alto, 'stralejavam, Muitas campainhas, todas bimbahavam Em cerros e montes, eram mais de mil...

Quando era menino lírios e mentastros Tapetavam ruas, quelhas e caminhos; Galhardetes riam em esguios mastros, As paredes brancas eram alabastrros, Carricetas loiras tinham os seus ninhos...

Quando era menino via a Cruz Sagrada, Via a Caldeirinha, via a Cesta d'ovos, Agua Benta, à farta, pelos lar's 'spalhada, Osculos em Cristo, gente ajoelhada, A suprema crença de velhos e novos...

Quando era menino lá ia o Reitor O Padre Ramalho, mai-lo Trinta e Cinco; Lá ia o Zé Gordo, sem tirar nem pôr, O da Pocariça, muito bom senhor, Um luzido séquito, um perfeito brinco...

Quando eu era menino — não ser mais menino!... Em toalhas brancas, brancas como a neve, Punha-se o maduro, néctar de oiro, fino, Punha-se o verdasco, jarro como um sino, Os doces e roscas, roscas de pão leve...

Quando era menino corria a beijar A minha Madrinha, Tia Conceição... Que bela regueifa, que rico foliar!... Quando era menino!... Como é bom chorar!... Só vejo uma cova, vejo o meu caixão...

Abril de 1947.

DEL FIM DE GUIMARÃES.

No meu

CANTINHO

Passado um escasso mês e meio, aparece outro número da Revista *Cenáculo*, ainda mais surpreendente que o anterior.

Pasma a gente ao ver como os nossos Teólogos desdobram o tempo de maneira a desenvolver o seu gosto literário sem prejudicar os seus múltiplos estudos. E' trabalho em demasia.

\*\*\*

De 1903 a 1910 viveu em Roma a nossa formosa Revista *Ecos de Roma*.

Por que motivo morreu? Porque se entendeu que era trabalho disperso e dispensável.

O dinamismo de hoje vence tudo!

\*\*\*

Paulo de Sousa após à linda lição de 8 um P. S. a prometer-me referência no dia 22. Esperei o dia aprazado.

Não havia carapuça. Conclui que a embrulhada de 15 seria a promessa feita. Não gostei. Prefiro a lição de Xavier Fernandes, no «Journal de Notícias» de 11, sobre o mesmíssimo *Pedir para*. Podemos aprender ambos.

6.

A BANDA DOS GUISES FESTEJOU O SEU 44.º ANIVERSÁRIO

Conforme estava anunciado, a excelente Banda dos Guises (Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães), festejou, no passado domingo, o seu 44.º aniversário e, na forma dos demais anos, teve a gentileza de vir à nossa redacção trazer as suas saudações ao *Notícias de Guimarães*, o que bastante nos penhorou.

Naquele dia, à noite e na Pensão Comercial, os componentes da Filarmónica reuniram-se em jantar de confraternização, que decorreu no meio da maior alegria.

CONTRASTES!...

Assistência e Saúde

Algumas vezes nos temos referido aos magnos problemas da Assistência e da Saúde pública, assuntos sobre os quais nunca será de mais insistir, atendendo a que eles são uma parte integrante, importantíssima, do problema social, hoje debatido em todo o mundo, no sentido de tornar mais equitativa e mais humana a constituição da Sociedade, cuja célula principal é a Família! Não se compreende de facto, que o horizonte da vida social dos pobres continue a ser, no futuro, o que tem sido no passado, isto é, que ao lado da abundância de uns siga a miséria de outros! Infelizmente — e porque são poucos os protegidos da sorte que se compadecem do seu semelhante pobre — o desequilíbrio entre a riqueza e a pobreza continua em escala crescente, porque a uma classe de novíssimos ricos corresponde, sem dúvida, uma classe de novíssimos pobres. Em face desse doloroso por menor, não é sem razão que todas as pessoas de bons sentimentos humanos apelam para a iniciativa oficial e particular, afim de que, pelo menos, se preste a devida assistência a quem dela necessita, qualquer que seja a causa dessa necessidade. A este respeito, é com a maior satisfação que registamos aqui uma afirmação do ilustre Chefe do Distrito, no acto da sua posse. Essa afirmação é a seguinte:

«Eu dedicarei um carinho especial às Obras de Assistência, pelas quais sinto especial predilecção.»

Sua Ex.ª assim o disse e assim o fará, motivo por que, no distrito de Braga, o problema da Assistência poderá contar com mais um dedicado e fervoroso Apóstolo. No que se refere a Guimarães, estamos convencidos de que o Senhor Governador Civil não deixará de tomar em especial consideração a densidade do concelho, que é o mais populoso do distrito, e, bem assim, a natureza da sua população, na qual predomina uma percentagem muito sensível do elemento operário. Queremos significar com isto, que Sua Ex.ª procurará melhorar a actividade assistencial deste concelho e de um modo especial a que diz respeito à Santa Casa da Misericórdia, em cujo Hospital Geral há muitas deficiências, de diversa natureza, e com as quais, por falta de recursos da Instituição, só o Estado poderá acabar. Além disso Sua Ex.ª pugnará pela criação de um Hospital regional neste concelho, assunto que já foi tratado na Assembleia Nacional pelo digno deputado Sr. Dr. João Antunes Guimarães. De esperar é, pois, que os Vimaraneses vejam chegar, dentro de um breve futuro, dias melhores para as suas Obras de Assistência, tornando-a mais activa, mais perfeita e mais completa.

E — porque vem a propósito — transcrevemos algumas das considerações feitas, na última sessão legislativa da Assembleia Nacional, pela ilustre deputada, Sr.ª Dr.ª D. Maria Luísa Vanzeler, acerca da Assistência e da Saúde pública. São de Sua Ex.ª as seguintes afirmações, ao apreciar as verbas destinadas à Assistência, nas Contas Públicas do ano de 1945:

«As verbas aparentemente avultadas que se destinam à assistência, embora grandes nas suas cifras, são, no entanto, pequenas e ficam sempre aquém das que seriam precisas para resolver cabalmente alguns angustiosos problemas da vida portuguesa. Pela leitura do parecer sobre as contas gerais do Estado de 1945, verifica-se que em assistência foram dispendidos 143.851.000\$00 e que à saúde pública apenas foi directamente consignada a parte da verba de 8.937 contos.

Mais adiante a senhora dr.ª D. Ma-

ria Vanzeler teve a seguinte passagem do seu discurso — Quando ao descer a Avenida da Liberdade deparo lá em baixo nos Restauradores com o Palácio Foz, inteiramente renovado, em cujas obras se gastaram milhares de contos, e mais acima contemplo a grande transformação por que está passando o Parque Eduardo VII, onde se deverão gastar muitos mais, tenho sempre diante dos olhos aqueles quadros de miséria real que a cada passo se deparam ante nós e aos quais a assistência nem sempre pode acudir por falta de recursos. Pergunto, por exemplo, se não seria mais educativo, de melhor propaganda nacionalista ver as ruas de Lisboa livres desses aleijados e mendigos que a cada passo nos patenteiam a sua miséria, ve-las sem os cegos que a cada esquina entristecem a cidade com as notas plangentes da sua música e canto e não encontrar quase de madrugada crianças andrajosas a estender a mão à caridade pública; ver sanatórios e asilos suficientes para as necessidades do País e nos seus hospitais haver onde e com que tratar os doentes? Pergunto, repito, não seria mais educativo, mais humano e de melhor política social? Concorro que há obras que são necessárias, mas a par dessas gasta-se muito em outras que são supérfluas e é sobre elas que cai a minha crítica. Em geral não há camas nos hospitais, os doentes voltam para casa sabe Deus com que dificuldades e à custa de sacrifícios de toda a espécie. Em geral voltam revoltados e com razão. Esta situação não pode manter-se. Sacrifique-se o que for preciso, mas resolva-se. E' a saúde do País que o exige e quem diz a saúde, diz o bem estar e a própria sociedade que passa a estar em perigo. A oradora alongou-se ainda, analisando outros problemas de assistência e terminou pedindo a atenção do Governo para estes problemas de assistência em cuja solução, disse, todos devem colaborar com o Estado, na certeza de que velar pela maternidade e pela infância da nossa terra é querer garantir o revigoramento e a continuidade de Portugal de amanhã.»

Boas Festas

A todas as pessoas que, com melhor ou pior humor, nos têm dispensado a atenção de ler esta Secção, desejamos uma Páscoa feliz, desejos que tornamos extensivos ao prezado amigo Director do «Notícias», a quem devemos o especial obséquio de nunca ter regeitado a nossa modesta colaboração.

X.

Mudança de hora

A's 2 horas da madrugada de hoje, conforme estava determinado, superiormente, os relógios foram adiantados 60 minutos, começando, assim, a vigorar a hora de verão.

HOMENAGEM

a Eduardo A. Reis Guimarães

Ficou definitivamente assente que a homenagem a prestar ao grande benfeitor da Biblioteca dos Empregados do Comércio desta cidade, Sr. Eduardo A. Reis Guimarães, se realize no próximo domingo, dia 13.

A Comissão Organizadora não se poupa a esforços para que a homenagem a este grande benfeitor atinja o brilhantismo merecido.

A inscrição para o almoço a oferecer àquele benemérito encontra-se aberta na sede dos Empregados do Comércio.

Junta N. dos P. Pecunários

Verificado que o mercado se encontra devidamente abastecido em cabeça de porco e chispe, quer da produção nacional quer proveniente das importações efectuadas ultimamente, determinou Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, por seu despacho de 13 do passado mês, exarado sob parecer desta Junta, que o comércio destes produtos deixasse de ficar condicionado a qualquer tabelamento, ficando portanto revogadas as tabelas que em devido tempo foram, para os mesmos, estabelecidas.

Lêde e propagal e «Notícias de Guimarães»

Páscoa florida

A meu irmão Alvaro.

Páscoa, quadra tão florida! Como é linda a Primavera! Primeiros anos da vida, Mocidade, quem ma dera! Quem dera voltar atrás!

Minha alma torna-se moça Ao vestir da Natureza! Canta a vida e o sol roça Na terra tanta beleza! Volta tudo a renascer!

O' Páscoa, quero-te tanto, Fazes lembrar o amor! Dos verdes anos em canto, Resando a Nosso Senhor! São lembranças do passado!

Se Jesus Cristo sofreu Pra salvar a Humanidade E na cruz Ele morreu, Resurgiu pr' Eternidade! Coração, também sofreste!

Aleluia! Aleluia! São os sinos a tocar! Bendito seja este dia, O' Almas, volta a amar! Amor volta ao coração!

Oh Páscoa! Alegria! Amor, Primavera, mocidade! Ressurreição do Senhor, Dai-nos a Paz e a Bondade! Pão, trabalho, Paz e amor, Cantares dum pecador!

AURÉLIO MARTINS.

Semana Santa

Realizaram-se as tradicionais cerimónias da Semana Santa que este ano fizeram revestir-se de muita simplicidade.

Por motivo do mau tempo, não pôde realizar-se a Procissão do ECCE HOMO, que deveria de sair do templo da Misericórdia, na noite de Quinta Feira Maior, e à qual a Mesa da Irmandade procurava imprimir, este ano, desusado esplendor.

Nesse dia, a partir do fim da tarde até perto da meia noite, os templos encheram-se de fiéis que, em piedosa romagem, comemoraram, uma vez mais, o Drama do Calvário.

Ontem, às 10 horas, ouviu-se o toque alegre de aleluia, devendo realizar-se, hoje, os actos da Ressurreição e, em todas as freguesias da cidade e concelho, a tradicional e alegre Visita Pascal.

Sulfato de cobre a 5\$70

Reinaldo, Martins & Gonçalves, Ltd.

# A MANHA

A Manha — mania, ronha, ardil, astúcia, perspicácia, finura, subtileza artística, qualquer das variadas e extraordinárias habilidades usadas para atingir um fim — exerce a sua acção, quase sempre prejudicial mas algumas vezes benéfica, em todos os animais e em quase todas as pessoas, desde o mais insignificante burro até ao mais notável e considerado comerciante, político ou diplomata.

Nos animais como nas pessoas de baixa categoria, sem educação nem inteligência, a manha, geralmente, não passa de uma mania, de uma teimosia, da ronha ou de uma habilidade pouco engenhosa que, por isso, termina por ter castigos ou condenação.

Nas pessoas de elevada categoria de qualquer classe, a manha, por ser, geralmente, exercida com habilidade e inteligência, toma o nome de perspicácia, finura ou subtileza artística, de esperteza, é temida, respeitada e apreciada, raríssimas vezes dá motivo a castigos ou condenações.

As manhas dos animais domésticos, provêm geralmente de defesas motivadas pela estupidez, maldade, ignorância e falta de consciência dos seus tratadores, instrutores, condutores, por estes exigirem do animal mais do que permitirem as suas forças, conformação, temperamento, defeitos físicos, resistência e a habilidade natural. Destas tolas exigências, resultam as defesas que, quando bem sucedidas, se transformam em manhas.

Se se puser sobre o dorso de um burro, qualquer peso superior ao que as suas forças permitam, do-bram-se-lhe, logo, naturalmente, os membros, o pobre animal aninha-se, deixa-se depois descair para um lado e, assim, lança a carga ao chão.

Os burros, essencialmente burros, não fixaram a forma de se libertarem do peso e, quando carregados moderadamente, continuam a prestar ao dono os seus bons serviços.

Mas os menos burros, nunca mais se esquecem do sistema que a natureza lhes ensinou, e sempre que sentem sobre o dorso qualquer peso, embora pequeno, repetem o que aprenderam e assim se livram da carga.

Se há condutores que, por estupidez, maldade ou ignorância, provocam manhas prejudiciais, outros há que, inteligente e habilidosamente, delas tiram o devido proveito.

Assim: — Sabe-se que o burro, por teimosia ou manha, fez o contrário daquilo que se lhe pede. Se o empurram para a direita, logo ele empurra para esquerda; se o puxam para traz, logo puxa, com toda a sua força, para diante.

O gado mular esmorece com facilidade.

Ve-se na Galiza e Alentejo, um pequeno burrito, à frente de uma fila de 3 ou mais possantes e poderosas muare atreladas a pesadas carroças.

Explicação: — Como é difícil fazer-se, simultaneamente, a abalada de todas as mulas, fica a de troncos com um peso com que não pode, esmorece e dá um passo à recatguarda do que resulta todas as outras procedem da mesma forma puxando o burro para trás. Este, por teimosia, emprega logo toda a sua força em sentido contrário, ou seja para a frente, nada mais sendo preciso para que as possantes e corpulentas mulas, animadas por este impulso, ponham o carro em movimento.

As manhas dos cavalos têm, geralmente, a mesma causa anteriormente indicada, ou seja: a estupidez, brutalidade, ignorância das pessoas que com eles têm de lidar. E por exigirem o que o cavalo não pode executar, ou não sabem indicar-lhe aquilo que desejam, provocam defesas que se podem transformar em manhas, as quais só desaparecem quando outras pessoas, com inteligência, consciência e saber, lhe possam indicar a sua vontade com firmeza, decisão, sem medo, mas com a devida prudência e tino, punindo com rigor o erro, premiando o cumprimento do que se lhe pede, indicando-lhe assim, por meio desta linguagem, o caminho que deve seguir.

Todos os outros animais, quer domésticos, quer nesta classe não possam entrar, têm as manhas próprias da sua classe.

## A Manha das Pessoas

Raras são as pessoas que não usam da manha para alcançar determinados fins. Há as manhas infantis, inconsistentes; as da ignorância, da falta de educação e de inteligência, algumas raras. Não perderei tempo com referências a estas, por nenhum valor terem. Há a manha, já habilidosa embora ainda baixa; e há a finíssima manha que, por ser finíssima e subtil, toma o nome de esperteza, de finura ou subtileza artística.

Das manhas habilidosas embora baixas, citarei uma muito conhecida

mas digna de registo: — O Conto do Vigário — A Vigarice — que, segundo dizem, tem a seguinte origem:

O Vigário era um negociante de cavalos que, numa feira, comprou uma parilha de mulas por mil escudos, a outro negociante que não conhecia.

Depois de estabelecidas as condições do negócio, foram os dois para uma taberna beber e liquidar contas.

Vigário, fingindo-se bebado, paga com 20 notas de 100\$00 ou seja com dois mil escudos, os mil que devia, atribuindo, fingindo engano, o valor de 50\$00 às notas de 100 que entregava.

O vendedor das mulas, embora percebesse perfeitamente o engano, nada dizia a ver se assim apanhava ao Vigário o dobro da importância que este lhe devia.

Terminada a contagem, o vendedor, mete as notas de 100\$00 na algibeira. Vigário, continuando a fingir-se bebado, tira da algibeira um papel e uma caneta e pede ao vendedor para declarar por escrito que tinha recebido 20 notas de 50\$00 para pagamento da importância de mil escudos que representava o custo das mulas que lhe tinha vendido.

Datou, assinou, Vigário arreado e retiraram os dois, um com as notas de cem escudos e o outro com as mulas e o recibo.

Dias depois, o vendedor das mulas, descobre que eram falsas as notas de 100\$00 recebidas, participa a ocorrência à policia, indica o Vigário como o passador das notas falsas.

Vigário é chamado à policia, confessa ter comprado as mulas a quem sujeito que ali estava presente. Mas, quando o acusam de ter pago a parilha com notas falsas de cem escudos, tira da algibeira, com a maior serenidade, a declaração de que o pagamento tinha sido feito com 20 notas de 50\$00, provando, assim, que se entregou 20 notas de 50\$00, como o próprio vendedor declara por escrito, evidentemente, nada pode ter com as notas falsas de 100\$00 que agora ali lhe apresentam.

E depois de assim provar a sua inocência e esperteza, retirou a rir-se do paleta que pretendia comê-lo e que ficou sem as mulas e sem o dinheiro, manifestando ambos ser igualmente marotos.

Metade do mundo procura comer a outra metade, vencendo sempre os Vigários, que representam os esperos, os manhosos, os mais habilidosos, os que sabem dar o golpe, esconder a mão e preparar-se convenientemente para a defesa caso lhe peçam responsabilidades.

Subindo-se a escala social, chega-se ao alto comércio, à alta politica, à alta diplomacia, às pessoas que exercem os mais elevados cargos e que representam as mais altas figuras das diversas camadas e classes sociais, verificando-se que a manha, em todas elas, tem o seu lugar embora tomando qualquer dos pomposos nomes atrás indicados.

A subtileza é usada por estes finíssimos espiritos que a estudaram com toda a previsão para nem mesmo os tribunais a poderem contrariar, que a praticam de forma a ninguém a compreender, dela se utilizam, no momento oportuno, para atingirem os fins que têm em vista.

Apresentarei um exemplo que a minha imaginação conseguiu architectar, que deve dar a nitida ideia duma destas muitas variadas subtilezas:

Numa escritura, um dos interessados, habilidosamente, suprime, aumenta ou desloca, uma vírgula, ponto ou letra e, às vezes até uma palavra, ou faz qualquer outra coisa que passa despercebida aos olhos dos interessados, das testemunhas e até do próprio notário mas de que este artista na subtileza, se aproveita para, no momento oportuno de ante-mão previsto, se apoderar, legalmente, de tudo quanto pertencia a outro.

A isto se chama um valeroso golpe de mestre, um importante golpe comercial que engrandece e dignifica quem o pratica. O vencido passa a ser considerado como o mais desprezível pateta.

Na vida politica e diplomática, também as subtilezas têm grande valor. Os politicos e diplomatas, quando são hábeis, falam e escrevem de forma a ser possível interpretar as suas palavras e escritos conforme as conveniências que a ocasião determinar, podendo representar hoje o contrário do que representaram ontem e representarão amanhã.

Embora com denominações diferentes conforme a categoria ou cargo que desempenham as pessoas na sociedade, a manha vive em todas elas e muito concorre para vencerem dificuldades.

Desgraçados daqueles que a não têm e só a conhecem por serem vítima da dos outros.

Almar.

# Américo Durão MULHER! EDITAL

O nosso querido Colaborador e Amigo e distinto Poeta, Dr. Américo Durão, acaba de oferecer-nos, com



Dr. Américo Durão

penhorante dedicatória, um exemplar da nova edição do seu livro «Tântalo», o que muito nos sensibilizou.

A propósito, aprez nos transcrever as seguintes referências que são o melhor elogio à sua Obra:

Breves Excerptos de Crítica ao TANTALO e Referências ao Poeta Américo Durão.

...que viva alegria me deixou a leitura seguida do seu livro (1): — a alegria de que a Raça tem mais um poeta dos de estirpe, dos de linhagem autêntica...

ANTÓNIO SARDINHA — *Monarquia*, 1917.

Américo Durão tem verdadeiro talento. É um grande, um verdadeiro Poeta.

FERNANDA DE CASTRO — *Correio da Manhã*, 24-4-921.

Américo Durão continua Poeta sem qualquer alcunha. Todos os seus sonetos são magníficos.

*Monarquia*, 4-5-921.

Tântalo é incontestavelmente um dos melhores livros de sonetos que se têm publicado em Portugal.

*Mocidade de Lisboa*, 12-5-921.

...o Tântalo do Sr. Américo Durão abre uma clareira de beleza no meio duma floresta muito negra.

A doce espiritualidade de que são impregnados os seus sonetos imprime-lhes esse encanto especial que é a pedra de toque dos verdadeiros talentos.

A. N. — *Imparcial*, 14-5-921.

O Sr. Américo Durão é um poeta de talento, sabendo exteriorizar os seus pensamentos e as suas emoções em belos versos que falcizam como pérolas reluzentes, ao mesmo tempo que nos embalam como uma música voluptuosa e lânguida.

*Opinião*, 13-5-921.

Américo Durão, vem de confirmar-se vitoriosamente com o livro Tântalo que lhe dá direito a ostentar aquela heráldica divisa de artista de raça que o génio usa esculpir na fronte dos eleitos.

JULIÃO QUINTINHA — *Batalha*, 15-5-921.

O seu espírito moço soube compreender admiravelmente toda a beleza do soneto. Tântalo é de ficar como um dos mais belos livros da geração.

*Luta*, 16-5-921.

...sequioso de dor, ele mata a sede com o seu próprio sangue. Nas suas veias está o seu absinto. É um eremita, um Santo António cheio de tentações...

Há uma máscara de Miguel Angelo, no Museu Bargello, de Florença, que me horroriza e me atrai. O mesmo me acontece com certos sonetos de Américo Durão.

Tântalo é um corpo contorsionado de Miguel Angelo num ângulo da capela Sixtina... «Ex-libris», «Gratia Plena», «Inverno», «Anima-Meua», «Cântico», «Madona», «Desalento», são sonetos de que pode orgulhar-se a geração a que pertence.

ANTÓNIO FERRO — *Diário de Lisboa*, 17-5-921.

nal duma grande aspiração insatisfeita.

JOÃO AMEAL — «Semana de Lisboa», *Primeiro de Janeiro*, 21-5-921.

Que permaneçam emudecidas aquelas vozes que em Tântalo não encontram a suprema beleza, a imortal harmonia de Platão.

O Mundo, 23-5-921.

Os sonetos de Américo Durão têm inspiração, a forma cuidada e alguns versos realmente belos.

D. FRANCISCO DE SOUSA E HOLSTEIN — *Correio da Manhã*, n.º 20, 5-921.

Tântalo precioso escriptorio de arte onde cada verso pode ser contado por uma jóia rara.

JOÃO D'ALVOR — *Correio do Sul*, 29-5-921.

Há no seu livro, perfeito de técnica, rajadas de luz no meio dessa sombra tenebrosa.

Não é em face dum livro que o cronista se encontra; é em frente dum poeta.

ARMANDO FERREIRA — *Capital*, 30-5-921.

...mal posso escrever sobre a estrutura literária tão complexa deste poeta que unido no mesmo subjectivismo irmanante, realiza com Antero em Portugal, o milagre supremo de conjuncionar na Forma poética, este binário raro de coexistir em literatura: emoção intensa — expressão intensa!

A intensidade emotiva nascida da compreensão emocional que põe a sinceridade aos tropos e sentimentos poéticos e a fundeza da expressão curta, perfeita, concisa, nua de epítetos ócios adornantes, é duma sobriedade belénica — é o que perfaz toda a substanciação magnífica da sua ideologia interior de análise introspectiva, quintessenciada de espiritualismo transcendente, cheia de mistificismo indefinível e de nebulosa metafísica, fora da Fórmula de todas as escolas sem afinidades de estética e de encenação auto-psicológica.

A emoção ardentíssima é transmitida numa atitude hierática com um poder de expressão profundo e sóbrio, dissecando a sua dor com a humildade e resignação de um branco Rabi iluminado.

MENDES DE BRITO — *Três livros de Américo Durão*, «Plaquettes», Livraria Clássica Editora, 1923.

...tem na sua obra alguma coisa de perdurar (2).

ADOLFO CASAL MONTEIRO — *Diário Popular*, 14-1-943.

(1) *Vitral da Minha Dor*.  
(2) *Tómbola*.

## Saudade que volta

Como vão longe os dias felizes  
Em que eu julgava a saudade morta!  
Mas a saudade é qual filho pródigo:  
Chega a tristeza, bate-me à porta.

Bate-me à porta de garra adunca  
Para de um salto me aniquilar;  
Ela bem sabe que eu não lhe fujo...  
— Nem asas tenho para voar!

Para voar me resta a Esperança  
Que me dá força, me dá vigor  
Por ver ainda bem junto de mim  
O meu enlevo, meu santo amor.

Meu santo amor, meu filho querido,  
Voltar à Pátria, ledo, afinal;  
Qual se o Brasil, filho casado,  
Ao pai tornasse, que é Portugal!...

Até os sinos da nossa aldeia  
Cantões alegres hão-de tocar...  
Virá, ao vires, a lua-cheia  
Encher de beijos o nosso lar.

Virginia Simões Pedrosa.

## BOLETIM de Trabalhos Históricos

Recebemos, editado pelo Arquivo Municipal de Guimarães, os fascículos n.ºs 3 e 4 do volume X desta publicação, cujo sumário é o seguinte:

Para a história da Colegiada de Guimarães.  
Inquirições sobre a pureza do sangue.  
Notícias biográficas.  
Agradecemos a oferta.

Dr. Francisco Abrunhosa MÉDICO

DOENÇAS PULMONARES E CLÍNICA GERAL  
Todos os dias (excepto às 5.ªs-feiras)  
LARGO DO TOURAL -- Guimarães

Aletria muito fina na Confeitaria Colonial Rua da Rainha — Guimarães

A felicidade é como a falena, ligeira, mas poisa, abre as asas e foge.

Viver, acordar e dormir sem sonhos, sem tristezas nem alegrias, oh! que eterna noite humana!

... assim murmurava esta mulher. E, no entanto, o seu coração palpitava ainda:

Sofrera! Então deixara-se envelhecer precocemente.

O seu corpo esbelto deformara-se, a testa vincara-se e, agora, pelos seus olhos, esvasiava-se toda a máguia do seu coração.

As suas faces pálidas reflectiam na crueldade fria de um polido espelho toda a tortura do entardecer.

Descuidara tudo, até a sua própria higiene, não sabendo que, se a tivesse usado diariamente, ela lhe emprestaria saúde ao corpo e colorido a essa face emurhecida pelos desgostos.

Sentira um dia rasgarem-lhe a alma os espinhos dolorosos do ciúme, que abrechas. Porém, devera reagir, com bondade, sim, mas com altivez, também. E sem deixar amarfánhar o seu rosto, afrontar essa tempestade da vida, que dilacera cruelmente a mulher.

Mas, não! Curvara-se, cobardemente, amachucada, desfeita por tamanha dor. Por último, esquecera-se até de si própria.

Não soubera reaver a si toda a felicidade perdida.

E, agora, apesar de apenas ter andado seus passos além dos 40 anos, afoga a máguia na aflicção das lágrimas.

Não compreendera que é na bondade e na elevação do espírito e na cultura da Beleza que nos defendemos.

E, ao mesmo tempo, por esse aperfeiçoamento, que nos diferenciamos dos animais, e só ela nos pode elevar acima das banalidades da vida cotidiana e mesquinha.

O que mais nos encanta nos museus e nos entusiasmas, são as estátuas e quadros dessas mulheres lindas, que já no esquecer dos séculos nos mostram ainda a graça das suas linhas e pureza dos seus rostos.

Então, contemplando-as, a nossa alma voa para o infinito.

Beleza! Quanta ternura, quanta meignice e orgulho contém. E, como é doce, ao mesmo tempo, esta linda palavra de seis letras apenas! Que magia se encerra nelas! Delas se desprendem toda a ambição de milhões de seres femininos.

A mulher, companheira do homem, que dia a dia vive a seu lado, precisa de não destruir a sua felicidade por desleixo. Precisa conservar o seu Outono cheio de poesia e perfumes, e quando o Inverno teimoso quiser entrar, poder dizer-lhe:

Inverno, passa sem parar. Vai mais longe, não te aproximes sequer do limiar da minha porta. A minha alma está ainda cheia de amores, continua vivendo aquecida pelo calor ténido dum fim de verão e iluminada pela luz suave dum começo de Outono. Repara, Inverno, repara como sou ainda linda. Como o meu rosto é belo, apesar de tanta amargura já ter sofrido.

As rugas da alma a respeitarem-me a fronte serena. Os meus olhos choraram tristezas e alegrias, é certo, mas conservam ainda o mesmo brilho e a mesma sedução.

Nos sulcos amargos que a existência nos oferece, repara, Inverno, na minha boca que ainda sorri, num sorrir mais suave, sem o trinado dos vinte anos, mas sem vincos a deformá-la.

Olha, atende ainda, observa o oval do meu rosto, que conserva o feitio que tinha aos 30 anos.

Vai-te! O frio do abandono não me tocou ainda e o sol ilumina a minha vida. As minhas mãos são tão macias e brancas, transparentes e mimosas que parecem asas de borboletas. São mãos delicadas, cuidadas, feitas para acariciar. São mãos humanas que palpam com delicia, acariciam filhos e afagam as crianças.

Oh! Inverno, passa, passa, vai bater mais longe. Preserva-me do ódio amargo e vermelho, do temporal, das velhices resignadas.

Abandonarei sem esforço o lindo Jardim da Vida quando me for ordenado, mas irei amando a Terra na sua cintilante Beleza, e agradecida a Deus por ter dado à mulher o poder da atracção e o supremo encanto da simpatia.

MÁSCARA para avelludar o rosto chamada "LE LOMENTUM"

Era usada pelas formosas romanas, mulheres que, como Agripina, conservavam a sua frescura de pele pela vida fora.

É uma cataplasma feita de farinha de fava, pevides de melão e abóbora secas e reduzidas a pó, misturado tudo com leite cru.

Dormir ou usá-la algumas horas, lavando depois com uma infusão bem quente de alteia.

Fazer um tapotement com um bom adstringente, depois um bom leite de Beleza ou um creme de dia à base de hormonas e penicilina.

ALDA DE MATOS MAIA (ALIE).

Carlos Teixeira Afonso, Engenheiro Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial, faz saber que:

João da Silva requereu licença para instalar uma tecelagem de algodão (regime caseiro), incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, no Lugar de Covas, freguesia de Polvoreira, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com Manuel Rodrigues, sul com terrenos do signatário, nascente com caminho de servidão e poente com terrenos do signatário.

— José Gomes de Sousa requereu licença para instalar uma oficina de tecelagem (regime caseiro), incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, no Lugar de Caneiro, freguesia de Moreira de Cónegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com Manuel Francisco Alves, sul e poente com caminho público e nascente com António Gomes de Sousa.

— Júlio Miranda Pedrosa requereu licença para instalar uma oficina de tecelagem de algodão, seda e mixtos (regime caseiro), incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, no Lugar da Ponte, freguesia de Moreira de Cónegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e poente com terrenos de Abílio Pinto de Barros, sul com prédios de Luís Dias Monteiro e nascente com prédios de Abílio Pinto de Barros.

— Jerónimo Leite requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de algodão, de seda e mixtos de algodão e seda, c/ tinturaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio, emanações e fumos nocivos, e inquinação das águas, no Lugar do Outeiro Levado, freguesia de S. Cristóvão do Selho, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte e poente com propriedade de Joaquim José Salgado, nascente com caminho público e poente com propriedade de Joaquim José Salgado.

— Augusto M. S. Machado requereu licença para instalar uma oficina de cutelaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, fumos, poeiras e perigo de incêndio, no Lugar da Ribeira, freguesia de S. Martinho de Sande (Caldas das Taipas), concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com terrenos do requerente.

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscrição, com sede no Porto, Rua de Santa Catarina n.º 805.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 28 de Fevereiro de 1947.

Pelo Engenheiro Chefe, Augusto Fernandes.

SÓ NA ANTIGA CASA BARROSO se encontra à venda, o Pão de Ló de Margaride sempre fresco, o de Leonor Rosa da Silva, Sucers. de Braga & Carvalho, Sucr. legítimo

assim como lindas caixas de fantasia, para amendoas e bom-bons, próprias para brindes.

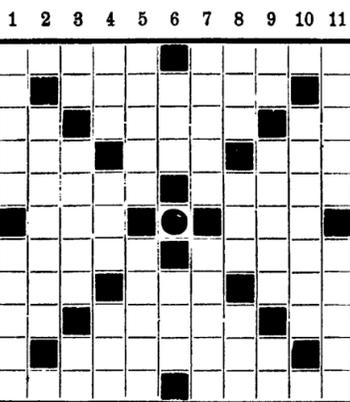
VINHOS DO PORTO CÁLEM, BORGES E FERREIRINHA. CHAMPANHES DA COMPANHIA VINÍCOLA E RAPOSEIRA. Largo do Toural - Tel. 4126 - GUIMARÃES

# Palavras Cruzadas

ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Eredo; lâmpada. 2 — Modelo. 3 — Atmosfera secular; poeira. 4 — Maneira; carácter; grande quantidade dum líquido qualquer. 5 — Fim; tempo. 6 — Além; pequeno arco. 7 — Unidade de peso do nosso sistema métrico; pesado. 8 — Escarnecer; aparência; gracejar. 9 — Caminhara; simples; aspecto. 10 — Desequilibrados de espirito. 11 — Morte; cobrir de óleo.

**VERTICAIS:** 1 — Contrato; clamor. 2 — Arraial. 3 — Clima; desbotar; basta! 4 — Doçura; instrumento para encurvar as linhas férreas; dificuldade. 5 — Combate; sem antenas ou sem tentáculos. 6 — Abundância; mas. 7 — Mistura de substância resinosa com matéria corante para fechar garrafas, cartas, etc.; vontade. 8 — Prendo; igual; astro. 9 — Pedra do moinho; habitar; igreja episcopal. 10 — Idiota. 11 — Venera; culpa.



SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

**HORIZONTAIS:** 1 — Ma; trasfior. 2 — Aló; itálico. 3 — Silo; amora. 4 — Tambo; ara; s. 5 — Adorar; poa. 6 — Rosas; cavar. 7 — E's; somara. 8 — U; ola; saram. 9 — Ocelo; maré. 10 — Aramada; sal. 11 — Caramelo; sa.

**VERTICAIS:** 1 — Mastaréu; AC. 2 — Aliados; ora. 3 — Olmos; ocar. 4 — T; obra; lema. 5 — Ri; oas; alam. 6 — Ata; r; s; ode. 7 — Sama; cós; al. 8 — Flor; amam; o. 9 — Lira; varas. 10 — Oca; pararas. 11 — Ro; saramela.

NOTA: — O problema saiu bastante truncado no enunciado vertical, dos n.º 4 a 6, que devia sair assim: 4 — Trabalho manual; preceito escrito. 5 — Zomba; suíxo (pl.); içam. 6 — Fruta do conde; composição em verso para ser cantada.

## SINGEVERGA



O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

## Warre's Port

São os Vinhos do Porto de renome mundialmente conhecidos. Se ainda não experimentou estes vinhos, faça-o quanto antes.

Peça ao seu fornecedor estes afamados vinhos.

Peça em toda a parte os Vinhos "Warre's Port" e terá a certeza de ficar bem servido.

Peça ainda aos seus AGENTES, nesta cidade,

Gualdino, Martins, L.<sup>da</sup>

Rua da Rainha, 27-2.º — Guimarães

## "Fervent"

Produtos para a substituição da soda cáustica e auxiliares na fervura do algodão.

Gomagem. Igualação de cores. Molhantes para a marcerização.

Representante em Portugal

**GASPAR PIMENTA**  
GUIMARÃES

## PARA CRIANÇA

### — CALÇADO —

Grande e variado sortido em todos os tamanhos e gostos

Só na

**SAPATARIA LUSO**

411

Guimarães

Para o seu CHÁ

**Bolacha Colonial**

A' venda nos bons estabelecimentos

## Alfaiataria com Fazendas

DE

# Ribeiro & Filho

LARGO JOÃO FRANCO

TELEFONE, 4404

Os seus proprietários participam aos seus Ex.<sup>mos</sup> Clientes e Amigos que acabam de receber um grande sortido de artigos da mais alta novidade para a Estação de Verão, em padrões modernos, muitos dos quais EXCLUSIVOS.

Preços os mais limitados.

Teares

Maquinetas

Urdideiras

tudo de origem inglesa.

376

Para entrega imediata na

Rua Dr. Avelino Germano, 34 — GUIMARÃES

**A ENCERADORA, LTD.**  
LISBOA FABRICANTES DOS AFAMADOS PRODUTOS "ENCERITE" PORTO

Encarrega-se de aplainamentos com máquinas eléctricas e enceramentos de soalhos em todas as cores

AGENTE EM GUIMARÃES:  
**A. GUISE**  
Largo 28 de Maio, 98-1.º

## À Indústria de Tecelagem

Afinações e montagem de teares mecânicos e manuais, lisos, com maquina e "Jaquard", chumbrias, pinturas para todos os tecidos de algodão, seda, linho e mistos, picotagem de cartões, debuxos, etc.

Contratos ou conta própria.

Perfeição, rapidez e garantia de serviço.

Trata:

**Francisco de Oliveira Salgado (Formiga)**

Urgezoes — GUIMARÃES (em frente à Fábrica do Gasteleiro)



Há mais de 150 anos esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tecnicamente perfeita, a máquina de costura "HUSQVARNA" é inteiramente construída com os afamados aços suecos.

CÓSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

"HUSQVARNA" tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

Agentes no Concelho:

**Bernardino Jordão, Filhos & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

## CANDIDO DIAS, L.<sup>da</sup>

Rua das Flores, 282

301

Telef. 1 871

PORTO

Teleg. 1 Dídias

Compramos e vendemos: Notas e moedas de todos os países, ouro e prata em barra, platina e libras ouro

Moedas antigas ouro e prata para colecções

Papéis de crédito e cupões nacionais e estrangeiros  
Ordens de bolsa

## CAMIONAGEM

Transportes de Carga e Mudanças  
BARCAGENS e Despachos  
AGENTES TRANSITÁRIOS



Casa fundada em 1892

RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67

PORTO

Telefones 73 e Estado 57

CORREIO Apartado 12

## MILHO PARA FERREJO

Cortado em verde e em terras de regadio dá MAIS DE UM CORTE

10 quilos semeia tanto como 30 quilos do nosso milho

Os pedidos devem ser feitos a

**RICO & COMPANHIA, LTD.**

Telf. 147 ALFERRAREDE

## FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

398

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.<sup>a</sup> — Banqueiros.

DEPOSITÁRIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

# O ensino agro-pecuário em Angola

Segundo lemos no jornal *Comércio de Angola* deve ser inaugurada, em Abril próximo, uma escola para o ensino agro-pecuário, na região de Chivungiro, daquela nossa província ultramarina. Registamos com muito agrado esta notícia, porque, embora nela sejam múltiplas as possibilidades económicas, durante muitos anos será ainda a agricultura a base mais segura para o viver desafogado do pouco mais de meia centena de milhar de colonos ali fixados, sobretudo, para as populações nativas melhor e mais produtivamente beneficiarem dos ensinamentos que lhes levarmos e da assistência técnica que devemos dar-lhes. Basta dizer que, mais de dois terços das produções agrícolas, são devidas ao trabalho indígena, em suas lavras, por assim dizer primárias, sem utensilagem adequada, sem emprego de adubos, onde o solo os reclama, sem preceitos culturais, sem as sementes escolhidas, contando apenas com a vasta extensão de terras que ainda têm ao seu dispor, mas por isso mesmo não se fixando em aldeamentos que mais a ela e aos cuidados da lavoura e da pecuária o precedessem. Também a quase totalidade dos gados é pertença dos nativos, muitos dispondo de grandes mandadas de bovinos, também descurada tal riqueza, por carência de preceitos técnicos e de medidas profiláticas a tomar, quer para a defesa das espécies que para a sua selecção.

Isto nos mostra o alto interesse que tal escola poderá ter para a riqueza provincial, sendo de desejar que várias outras venham a ser criadas, nas diversas zonas angolanas, propícias às lides agro-pecuárias, que têm características um pouco diferentes, exigindo, por isso, um ensino mais próprio para cada uma delas, desde as culturas dos climas temperados às das regiões tropicais ou sub-tropicais.

Já o nosso ensino superior metropolitano, com as suas instalações anexas, prevê a preparação dos engenheiros agrónomos e silvícolas que possam ir servir no Ultramar, quer na direcção superior de tais serviços, quer na aplicação dos ensinamentos recebidos. Mas, em nossa apagada opinião, isso não poderá dispensar períodos estagiários locais, para que o futuro dirigente das grandes empresas, de capitais europeus, os orientadores dos próprios indígenas, e os directores dos serviços provinciais, melhor venham a conhecer a maneira e o meio em que terão de actuar. Já com os técnicos pecuários tal exigência é menor, posto que também se lhes torne necessário conhecerem o modo de aclimação das várias espécies, as epizootias regionais e seu modo de combate, as degenerescências que nos animais possam dar-se, ou por virtude dos climas, ou por várias outras circunstâncias mesológicas que possam influir na evolução das criações.

Feita esta restrição, cremos bem que, por enquanto, bem podem as escolas superiores metropolitanas, dos vários ramos de ensino, ir satisfazendo as necessidades coloniais, para os técnicos superiores. Mas já o mesmo não acontece com os técnicos subalternos, talvez ainda mais carecidos de uma aprendizagem prática local, a completar a preparação teórica que lhes for ministrada nas escolas da especialidade. Haverá, pois, toda a conveniência, de natureza metropolitana e ultramarina, em nas colónias se irem educando, até como bom princípio de colonização, visto ser preciso garantir à mocidade branca, que nasceu nas províncias ultramarinas, e aos indígenas que vamos civilizando, um futuro de trabalho produtivo e útil, colectiva e individualmente considerado.

Se intensificarmos o fomento ultramarino, como tanto importa, não apenas pelo melhor e mais amplo aproveitamento da terra, mas também para a industrialização local dos produtos do solo e do sub-solo, de enormíssimas possibilidades, criaremos nas Colónias as melhores e mais propícias condições de repovoamento aborígene, e para elas poderemos então canalizar a nossa corrente migratória, a robustecer, perduravelmente, a economia nacional. De muitos mais técnicos precisará então o Ultramar para as variadíssimas ocupações dos grandes aglomerados humanos. Escolas dos vários mesteres profissionais, convenientemente disseminadas, dotadas com todos os meios necessários a uma proveitosa aprendizagem prática, com um mínimo de teoria indispensável à compreensão da especialidade, serão um estímulo para os grandes empreendimentos a lançar.

A escola de que me estou ocupando, destina-se à preparação de *práticos agro-pecuários* e de *capatazes agrícolas*. Para o primeiro daqueles cursos, os candidatos terão a idade mínima de catorze anos e o exame do primeiro ciclo do curso dos liceus ou das escolas técnicas elementares. Para os capatazes é exigida apenas a quarta classe da instrução primária. Os programas versam, além das várias culturas e da técnica rural, para os primeiros, noções sobre zootécnica, maquinaria e economia agrárias, durante quatro anos. Para os práticos, num aprendizado de três anos, dá-se preferência às lides práticas do cultivo da terra e seus aproveitamentos.

Os habilitados com o curso de agro-pecuários, destinam-se às funções de gerentes das granjas, ajudantes de pecuária, práticos de tecnologia, regentes florestais, etc.; os capatazes actuarão como manipuladores de sementes, condutores de maquinaria agrícola, tractores e práticos agrícolas.

A escola funcionará em regime de internato, em três belos edifícios, moldados nas características rurais, com extensos campos anexos e as instalações adequadas, para a lavoura e pecuária, incluindo laboratórios, armazéns, estábulos, oficinas, etc. O seu custo total subiu a 7.113 contos. Uma nota interessante: ao seu corpo docente, incumbem os trabalhos de investigação científica, para o progresso da ciência agro-pecuária em Angola, com o fim de proporcionar aos serviços públicos e à lavoura da Colónia os melhoramentos a que tais investigações possam conduzir.

A Assembleia Nacional acaba de votar as bases para a reforma do ensino elementar e médio, de natureza técnica, na Metrópole. Antes de elas serem detalhadas em decreto, pouco poderemos avaliar da eficiência prática que tal ensino virá a ter, pois que as bases genéricas a muito e a pouco se prestam. Pelo que respecta à matéria agrícola, quer parecer-nos que pouco se avançou na nova lei. Há nela a vaga promessa das escolas móveis. E' pouco, um país cuja população, em boa maioria, ainda vive da terra.

D. C.

**Sulfato de cobre a 5\$70 Sulfato de cobre a 5\$70**  
Reinaldo, Martins & Gonçalves, Ltd. Reinaldo, Martins & Gonçalves, Ltd.

**Teatro Jordão** HOJE, às 15 e às 21,30 h.

**Santo António** (CIDADE SEM LEI)

Epopeia em maravilhoso colorido onde os lances de maior emoção se sucedem aos mais belos momentos de amor e coragem, com: ERROL FLYNN e ALEXIS SMITH.

Amanhã, às 15 e às 21,30 horas:

**ABBOTT E COSTELLO**  
**FANTASMAS**  
com: MARJORIE REYNOLDS e GALE SONDERGAARD.

Quarta-feira, 9, às 21,30 horas:

Uma autêntica super-produção espanhola  
**Eugenia de Montijo**  
com: AMPARITO RIVELLES e MARIANO ASQUERINO.

Sexta-feira, 11, às 21,30 horas:

Uma comédia dramática francesa que parece feita para o coração dos portugueses

**O DIAMANTE NEGRO**  
com: GABY MORLAY, CHARLES VANEL e LOUISE CARLETTI.

## AINDA o caso da Moagem

O nosso artigo sobre a possível transferência da moagem de trigo, desta cidade para o Porto, causou viva impressão no meio, sendo muitas as pessoas que na nossa Redacção se apresentaram a felicitar o jornal por mais esta manifestação de acrisolado bairrismo.

Todavia, não queremos só para nós os parabéns, que terão de ser extensivos à digníssima Câmara que cuidadosa e dedicadamente vinha tratando do assunto e também a outras entidades que tomaram já parte activa no movimento a favor da anulação da respectiva transferência.

E assim e também um tanto como complemento do que já frisámos, podemos afirmar que a Câmara já tinha chamado a si tão momentoso assunto, estudando-o e coligindo elementos confirmativos da absoluta necessidade de ser mantida na nossa terra a moagem de trigo que à cidade foi concedida por alvará.

Foi então ouvido o Sr. Intendente dos Abastecimentos, que é também presidente do Grémio da Lavoura, e as Juntas das Freguesias da cidade também deram a sua opinião, sendo unanimemente reconhecido que de maneira alguma pode ser afastada a moagem, sem que se verifique um grande transtorno no abastecimento do pão de trigo e um manifesto depauperamento no montante dos sub-produtos destinados ao alimento de gado.

A Câmara transmitiu, então, ao Sr. Governador Civil os prós e os contras da transferência projectada, aguardando agora que S. Ex.<sup>a</sup> leve ao conhecimento do Sr. Ministro da Economia o pedido de anulação do despacho que tanto afecta os interesses vimezanenses e os dos concelhos circunvizinhos.

De tudo isto, uma coisa aparece com todo o seu realismo: concretização unânime, absoluta, do quanto é manifestamente prejudicial para o abastecimento da nossa região, a transferência autorizada.

Fizemos justiça e penitenciamonos da omissão destes pormenores que mão amiga só agora nos fez chegar ao conhecimento. Mas não nos arrependemos de ter abordado o assunto como o fizemos, pois o tempo não pára e a data prevista para a transferência aproxima-se rapidamente.

Urge, pois, que as entidades competentes trabalhem afanosamente, levando quanto antes ao conhecimento do Sr. Ministro da Economia a reclamação das forças representativas da cidade.

Sua Ex.<sup>a</sup> tem sido incansável na simplificação dos abastecimentos e na melhoria da situação alimentar. Com tais propósitos, certamente, não deixará de atender à razão que assiste aos vimezanenses, tanto mais que anulando a transferência fará justiça pura e simples, dentro do seu programa de abastecer o melhor e o mais depressa possível.

Podemos informar ainda que, segundo nos consta, a transferência em foco não é do agrado das três entidades que superintendem nos assuntos de moagem, como sejam: Instituto Nacional do Pão, Federação Nacional dos Industriais de Moagem e Inspeção Geral dos Industriais e Comércio Agrícolas.

Confirmando-se estas opiniões — e quase podemos garantir a sua autenticidade — teremos mais um forte argumento para reforçar a exposição dos vimezanenses, junto do Sr. Ministro da Economia. Esperamos, portanto, que a Câmara e as forças vivas da cidade continuem insistindo nos seus propósitos. Aguar-

damos que o Sr. Governador Civil, há pouco empossado, ponha o melhor do seu esforço na defesa deste magno assunto, de latente interesse para todo o Distrito.

Se a acção for imediata e todos os esforços se empregarem intensamente, a mudança não será uma realidade.

Cada dia que passa, mais dificulta as coisas, porque os concessionários estão trabalhando para a adaptação da moagem no Porto. E quanto mais tempo decorrer, menos probabilidades há de se neutralizar os seus objectivos.

E Guimarães não pode nem deve estar à mercê de probabilidades, mas precisa, sim, de ter a certeza absoluta de que as suas prerrogativas e os seus direitos serão respeitados e as suas necessidades sejam remediadas e não agravadas.

L.

## Pintor Jorge Malhiera

A gravura que ilustra a 1.<sup>a</sup> página é um desenho do distinto Pintor Jorge Malhiera, representando o Calvário (Cruzeiro da Senhora da Guia).

## Baile de Aleluia

Promovido por uma Comissão de que fazem parte os Srs. Carlos Alberto de Melo, Manuel A. Branco e Adelino Gonçalves da Cunha, realizou-se, a noite passada, no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, um animado Baile de Páscoa, que teve a assistência de numerosas famílias de Guimarães e arredores. A festa decorreu num ambiente da maior alegria, tendo-se dançado até de manhã.

Agradecemos o convite recebido.

# da cidade

## Boletim Elegante

### Partidas e chegadas

Dr. Nuno Simões — Acompanhado de sua Esposa, esteve há dias nesta cidade e deu-nos a honra dos seus cumprimentos, o nosso querido Amigo e ilustre Colaborador, sr. Dr. Nuno Simões, que já regressou à sua Casa de Lisboa.  
Gratos pela honrosa visita.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade o nosso distinto Colaborador e Amigo sr. A. L. de Carvalho.

Deu-nos, há dias, o prazer da sua visita, o nosso prezado amigo sr. José Augusto da Costa Portela, do Porto.

Tem estado entre nós o nosso bom amigo sr. Pedro Pereira de Freitas.

Encontram-se ausentes no estrangeiro os nossos bons amigos srs. António Faria Martins, Oscar Pires e Abel Machado de Faria.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo sr. Ernesto da Costa, Chefe em Braga da P. S. P.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Augusto Aguiar.

Em gozo de férias, encontram-se entre nós os nossos prezados amigos srs. Dr. Fernando Pizarro de Almeida, Delegado do Procurador da República em Mogadouro e Dr. Armando Crespo, Professor do Liceu de Santarém.

Esteve entre nós o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Américo de Matos.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta cidade o nosso querido amigo sr. António Augusto Ferreira, de Felgar.

Tem estado entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Lino Teixeira de Carvalho, importante comerciante em Lisboa.

Deu-nos o prazer da sua visita a sr.<sup>a</sup> D. Flora Castelo Branco Vilaça.

Regressou da Espanha o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

Acompanhado de sua esposa encontram-se entre nós o nosso prezado amigo sr. Artur de Oliveira Sequeira.

### Doentes

Do Porto, onde foi submetida a uma melindrosa operação, regressou a esta cidade a sr.<sup>a</sup> D. Maria Albertina Carneiro Carvalho e Silva Guimarães, esposa do nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarães. Desejamos o completo restabelecimento da bondosa senhora.

Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Fernando Lindoso.

Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. Simão Ribeiro de Almeida.

Tem estado doentes os nossos amigos srs. Apregio Neves de Castro, Artur F. Freitas, António Pádua da Cunha Monteiro, e as meninas Maria de Belém e Maria Fernanda Mendes de Oliveira.

Sabemos que também tem passado bastante incomodado, no Porto, o nosso prezado amigo sr. Dr. João Aires de Azevedo. Desejamos o mais breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

### Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso prezado amigo sr. Patrício de Castro Henriques. Muitos parabéns.

### Casamentos

Na cidade de Barcelos, consorciaram-se, na passada quarta-feira, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. João Pedro de Sousa Guise recentemente chegado do Rio de Janeiro, filho do respeitável vimezanense sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise e a senhora D. Rosa Machado Martins, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Machado e do sr. Amadeu Martins, já falecidos.

O acto revestiu-se da maior intimidade e após o mesmo os noivos, aos quais "Notícias de Guimarães", augura as maiores venturas, seguiram para Lisboa, em viagem de núpcias.

Na Gruta-Ermida de N. S.<sup>a</sup> do Carmo da Penha, consorciaram-se, no domingo, a gentil vimezanense sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Faria Martins Cerqueira, filha do nosso bom amigo sr. António J. Gomes Cerqueira e de sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria Teresa Faria Martins Cerqueira, e o sr. Adílio José de Oliveira, filho do sr. Avelino de Oliveira e de sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide da Silva Oliveira, de Braga.

Foi celebrante o Rev. José Carlos Simões Veloso de Almeida, tendo parainfundado os pais dos noivos.

A estes desejamos as maiores venturas.

### Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 7, a sr.<sup>a</sup> D. Ana Júlia do Sacramento Mendes e o nosso bom amigo sr. Ovídio Varela de Abreu Almeida; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. Augusto Pinto Lisboa, importante industrial no Pevidém e Francisco Gonçalves da Cunha, estimado proprietário; no dia 9, a sr.<sup>a</sup> D. Brígida de Jesus Gonçalves, esposa do nosso amigo sr. Abílio Gonçalves; no dia 12, o nosso amigo sr. José Faria de Almeida.

"Notícias de Guimarães", apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

## FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

### D. Olga Ribeiro de Freitas Guimarães

Na esperançosa idade de 25 anos e confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se, no passado dia 29, após cruciantes e prolongados sofrimentos, que soube suportar com verdadeira resignação cristã, a menina Olga Ribeiro de Freitas Guimarães, que era possuidora dos mais belos sentimentos e que por isso mesmo todos a estimavam.

A saudosa extinta era filha do nosso prezado amigo Sr. José de Freitas Guimarães Júnior e da Sr.<sup>a</sup> D. Ana Ribeiro de Freitas Guimarães; irmã da Sr.<sup>a</sup> D. Maria José Ribeiro de Freitas Guimarães e do nosso amigo Sr. João Ribeiro de Freitas Guimarães, sobrinha dos nossos bons amigos Srs. António Teixeira de Freitas e João Teixeira de Freitas, e das esposas dos nossos prezados amigos Srs. Abel de Oliveira Bastos, Braulio Teixeira Carneiro, Manuel Marques, Gaspar Pereira Leite de Magalhães Couto, Alberto Gomes Alves, Avelino Ferreira Meireles e Alvaro Neves de Castro.

O funeral da inditosa senhora, embora revestido de muita simplicidade, conforme seu desejo, constituiu uma significativa manifestação de saudade, a que se associaram muitas pessoas de todas as camadas sociais, tendo-se realizado na segunda-feira, às 11 horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira.

Resou a missa do corpo presente o Rev. João da Cruz Magro, Arcipreste, tendo resado o ofício de sepultura o Rev. Hilário de Barros.

O atafú, que encerrava os restos mortais da pranteada extinta, pousava sobre uma alcatifa e desaparecia sob muitos bouquets e ramos de formosas flores com dedicatórias sentidas da família e das pessoas amigas.

A chave do caixão foi entregue ao Sr. João Teixeira de Aguiar, amigo íntimo da família dorida.

O cadáver foi trasladado para o cemitério de Atougua, em auto-funeral, incorporando-se no préstito dezenas de automóveis que conduziam pessoas de família da extinta e outras das suas relações.

Na Igreja e no Cemitério organizaram-se dois únicos turnos constituídos por pessoas de família.

Pegaram as borlas os Srs.: Abel de Oliveira Bastos, Braulio Teixeira Carneiro, Alberto Gomes Alves, António Teixeira de Freitas, João Teixeira de Freitas, José Mendes Ribeiro Júnior, José de Freitas Oliveira

Bastos e José Maria Gomes Alves.

E ante a consternação de todos os presentes lá ficou sepultada, em modesta campa de Atougua, aquela bondosa menina que era possuidora de acrisoladas virtudes.

Paz à sua alma e a todos os seus o nosso muito pesar.

Fizeram-se representar: o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado por seu cunhado o Sr. Domingos Mendes Fernandes; o Sr. Alexandre Pacheco Guimarães, ausente no Rio de Janeiro, por seu sogro, o Sr. Avelino Ferreira Meireles; o "Notícias de Guimarães" pelo seu Director.

## Diversas Notícias

### Câmara Municipal

Em sua sessão ordinária do dia 2, a Câmara Municipal de Guimarães deliberou:

Ajudicar, pela quantia de 1.000 escudos, os materiais da casa da esquina da Rua dos Laranjais, desta cidade, ao Sr. Manuel Marques da Silva, visto ter sido o concorrente que apresentou proposta mais vantajosa para o Município, devendo lavar-se o competente auto de arrematação; efectuar o pagamento à firma Jordão & C.<sup>a</sup>, Lt.<sup>a</sup>, desta cidade, da quantia de 319 500\$00 para electrificação das ruas: Paio Galvão, Camões, Bento Cardoso, Avenida Duarte Pacheco, Conde de Margarde e Combatentes da Grande Guerra, desta cidade, e das freguesias de Santa Maria de Airão, S. João de Airão e Oleiros, importância que faz parte dos 50% dos respectivos orçamentos e que compete ao Município.

### Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.

### Alunos do Colégio Militar

Em visita aos nossos monumentos estiveram em Guimarães os alunos do 7.<sup>o</sup> ano do Colégio Militar, que eram acompanhados por diversos professores e oficiais do exército, entre os quais o seu director, Sr. Major Bastos de Carvalho.

### Cooperativa

#### "A Económica"

Realizou-se no domingo a Assembleia Geral dos accionistas da Cooperativa "A Económica Vimezanense", tendo sido reeleitos os seus corpos gerentes.

### Nuno de Almeida

Afim de embarcar para a Madeira (S. Vicente), para onde foi despachado como aspirante estagiário de Finanças, seguiu para Lisboa o nosso conterrâneo Sr. Nuno de Oliveira Almeida, acompanhado de seu pai o nosso prezado amigo e distinto Poeta Sr. Jerónimo de Almeida. Desejamos-lhe felicidades e boa viagem.

## Vida Católica

**Nossa Senhora dos Prazeres** — Iniciaram-se ontem, no templo dos Santos Passos, as novenas que precedem a festividade em honra de Nossa Senhora dos Prazeres, a qual terá ali lugar no próximo dia 14, conforme programa que oportunamente publicaremos.

**Nosso Senhor Jesus** — A Irmandade de Nosso Senhor Jesus, erecta na antiga Igreja de S. Domingos, manda celebrar no próximo dia 7, pelas 9 horas, na Igreja da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, a missa estatutária em honra do seu Padroeiro.

## PORTO-KOPKE

### CHAMPAGNES FRANCESES

#### Mercier e Piper Heidsiech

### WISKY-GIN e LIQUEUR A la

#### GRANDE CHARTREUSE

### LICOR DE SINGEVERGA

#### o único e verdadeiro

#### BENEDICTINE português.

### Pedidos ao Depositário

#### T. Mendes Simões

Telef. 4227

## Vendem-se

3 Caneleiros: de 100, 30 e

20 fusos, de autor alemão.

Indica a Procuradoria Vimezanense, Rua da Rainha, 20

— Telefone 4.192. 448

## Perderam-se 200\$00 Escudos

Uma senhora da Conferência de S. Vicente de Paulo de S. Paio, perdeu, desde o Toural à Avenida Duarte Pacheco, 200\$00 em notas de 20\$00, que se destinavam a esmolas aos pobres.

A quem tiver achado aquela quantia, pede-se o favor de comunicar na nossa redacção.

# Feminismo Horas Magoadas

Conclusão

sas damas que desmaiavam de um ratinho foragido...

Há ainda outro papão a preocupar os que receiam pela estabilidade do lar, pelo prestígio da família, pelo futuro da espécie ou simplesmente pela estética feminina: a masculinização da mulher.

Dessa desgraça, os livros eu. A vida da mulher arrapazada, passou, e passou muito bem. Agora, a moda capricha em valorizar a figura de Eva triunfante. Fartas cabeleiras soltas ou artisticamente trabalhadas, saias pelo meio da perna, cintura bem marcada, linha gracil capaz de favorecer as menos favorecidas. Ora as mulheres que trabalham, as que saem todos os dias, são precisamente as mais cuidadas com a sua pessoa, as que se apresentam melhor, dentro da máxima singleza, bem calçadas e bem vestidas, sem os exageros que tornam caricatas muitas das ociosas...

Nada, pois, de temer a mulher activa, bem longe de se tornar a mulher-homem, de indumentária mista e atitudes irritantes. Em reforço do meu acerto, citarei o caso da Senhora Wilkinson, Ministro da Educação e grande figura da política inglesa, recentemente falecida em Londres.

Oradora fogosa, a Senhora Wilkinson detestava todas as formas de opressão. O facto culminante da sua accidentada carreira política foi a marcha da fome à frente de milhares de desempregados em 1936, dos estaleiros de Jarrowoutynes directamente para o Parlamento. Ampliou a sua experiência sobre as condições de vida e de trabalho no mundo visitando a Rússia, a Índia, os Estados Unidos e a Espanha. Depois da guerra esteve no campo de concentração de Belsen ficando profundamente impressionada com as atrocidades praticadas pelos nazis. Prestou serviços como secretária tendo sido valiosa colaboradora de Herbert Morrison, na defesa contra os ataques aéreos. Os seus colegas na Câmara dos Comuns chamavam-lhe «bomba atómica parlamentar», aludindo a sua indomável energia. Presentemente dedicava grande atenção ao seu plano de democratizar o sistema de instrução pública, elevando a idade de escolar até aos quinze anos para a instrução primária, a partir de um de Abril do corrente ano — mas não dedicava menor atenção ao seu penteado de bem vincadas ondas cuja popa alteava o mais possível de modo a aumentar iludoriamente a estatura miudinha...

Outro pormenor da vida da ardorosa estadista, no entanto, me concebeu de que nem a política, a mais árdua das profissões, consegue deformar o carácter da mulher verdadeiramente mulher — pormenor sugestivo, valendo, só por si, o melhor dos compendios de psicologia feminina: a Senhora Wilkinson nunca revelou a sua idade...

Eis as considerações que o casual encontro de um retrato, numa gazeta de Fevereiro pretérito, me trouxe ao bico da pena, nesta promissória Páscoa do Senhor, no ano de graça de 1947.

Uma manhã, ia ela para se levantar, quando deu uma tossidela mais forte, e o lenço empapou-se-lhe em sangue.

Então, sim, alarmou-se, mas era já tarde, muito tarde!

O Senhor Doutor veio, examinou-a longamente e animou-a, mas à pergunta que ele lhe fez em particular, encolheu os ombros, e disse: «cuidasdes dela mais cedo, agora coração ao largo — e, em guisa de consolo, não te amofines que mulheres não faltam. Vai deitando o olho para a substituir, que há por aí agora cada cachopa capaz de pôr o juízo a arder ao mais sisudo!»

— Ela não mais se levantou, e vinte e nove dias passados deu a alma a Deus e o corpo à terra fria.

Como ela, ele bem sabia, nunca arranjaria outra.

Havia-as trabalhadeiras, activas e até mais possantes, decerto, mas ou eram brigonas, murmuradeiras ou tinham outro defeito; só a sua, com uma linha de senhora que todas admiravam, era recatada e meiga, pois defeito — coisa que a sério pudesse chamar defeito — nunca lhe vira nenhum.

O homem, perturbado, hesitante, olhava o pombal murmurando para si — quando entrava o compasso ela soltava todas as pombas e era tão lindo!

Eu não as soltarei... não... não tenho coragem...

O Senhor Abade entrava já no quintalório.

O homem ajoelhou, beijou a cruz e, como num sonho, ouviu as palavras amigas do padre, mas não as compreendeu.

Os cureiros já afeitos ao costume dos anos anteriores pegaram nas ofertas e todo o cortejo retomou o caminho do portão.

Então, maquinalmente, o homem, como se não fosse ele mas qualquer coisa que não sabia definir o empurrasse, dirigiu-se para o pombal e abriu-o.

Duas dezenas de pombas sequiosas de liberdade voaram contentes. O Senhor Abade olhou para trás e sorriu-lhe, mas o homem nada viu e perdido nos seus pensamentos ficou a contemplar todo esse bater de asas inquietas que se ia erguendo no espaço, mais alto, cada vez mais alto, até de todo se perder de vista.

Conclusão

quem come e bebe não tem doenças, dizia-lhe.

Se ele soubesse, sim, se ele soubesse!

Se ali a pudesse ter agora dir-lhe-ia: trata-te e descansa.

Oh! se ela pudesse voltar, dava-lhe uma criadita para lhe fazer os serviços pesados como ela há tempos entrara a desejar, e ele só agora compreendia porquê. Ela nunca lhe dissera, mas contara-lhe como o vizinho Jerónimo contratara uma rapariga para ajudar a mulher.

Ele compreendendo-a ripostara mal humorado, e ela não voltara a falar em tal.

Ora esta! pensar, o mau exemplo deu-lhe volta ao miolo apesar de não ser costume. Criada, não faltava mais nada! Bocas inúteis para quê? Ela toda a vida fez o serviço, que continue, que trabalhe que tem bom corpo!

A doença, porém, lá a andava a minar, e ela não se queixava, sorria sempre.

Lembrava-se agora que ela às vezes lhe parecia cansada, mas então no seu egoísmo inconsciente de querer tudo a horas nunca fizera caso.

Trazia tosses e ele ralhara-lhe: constipas-te, não tens cuidado, e depois nem dormes nem deixas dormir, e olha que eu venho cansado do trabalho, não estou muito sossegado em casa como tu.

Doiam-lhe hoje essas palavras que lhe deviam de ter doído a ela. Oh! se então soubera!

Uma manhã, ia ela para se levantar, quando deu uma tossidela mais forte, e o lenço empapou-se-lhe em sangue.

Então, sim, alarmou-se, mas era já tarde, muito tarde!

O Senhor Doutor veio, examinou-a longamente e animou-a, mas à pergunta que ele lhe fez em particular, encolheu os ombros, e disse: «cuidasdes dela mais cedo, agora coração ao largo — e, em guisa de consolo, não te amofines que mulheres não faltam. Vai deitando o olho para a substituir, que há por aí agora cada cachopa capaz de pôr o juízo a arder ao mais sisudo!»

— Ela não mais se levantou, e vinte e nove dias passados deu a alma a Deus e o corpo à terra fria.

Como ela, ele bem sabia, nunca arranjaria outra.

Havia-as trabalhadeiras, activas e até mais possantes, decerto, mas ou eram brigonas, murmuradeiras ou tinham outro defeito; só a sua, com uma linha de senhora que todas admiravam, era recatada e meiga, pois defeito — coisa que a sério pudesse chamar defeito — nunca lhe vira nenhum.

O homem, perturbado, hesitante, olhava o pombal murmurando para si — quando entrava o compasso ela soltava todas as pombas e era tão lindo!

Eu não as soltarei... não... não tenho coragem...

O Senhor Abade entrava já no quintalório.

O homem ajoelhou, beijou a cruz e, como num sonho, ouviu as palavras amigas do padre, mas não as compreendeu.

Os cureiros já afeitos ao costume dos anos anteriores pegaram nas ofertas e todo o cortejo retomou o caminho do portão.

Então, maquinalmente, o homem, como se não fosse ele mas qualquer coisa que não sabia definir o empurrasse, dirigiu-se para o pombal e abriu-o.

Duas dezenas de pombas sequiosas de liberdade voaram contentes. O Senhor Abade olhou para trás e sorriu-lhe, mas o homem nada viu e perdido nos seus pensamentos ficou a contemplar todo esse bater de asas inquietas que se ia erguendo no espaço, mais alto, cada vez mais alto, até de todo se perder de vista.

# D O D G E

## AUTOMÓVEIS E CAMIÕES

**Agente Geral no Distrito de Braga** **A. Ferraro Vaz**

**Agente Oficial neste Concelho** **José Mendes Ribeiro Júnior**

## O FIGO SULFATO DE COBRE

QUILO, 5\$70 POR SACO

**Reinaldo, Martins & Gonçalves, Ltd.<sup>a</sup>**  
Praça do Mercado — Guimarães

**Serviço de mercadorias entre a Estação e a Cidade e vice-versa**

J. CARLOS SOARES avisa a indústria e o comércio que faz este serviço de transportes em camionete, encarregando-se dos despachos no Cominho de Ferro. Para entrega de tarifas, guias ou mais informes

RUA PAIO GALVÃO — STAND N.º 8.

A figueira (*Ficus carica*) pertence a uma família originária da zona mediterrânea.

Tratando-se duma árvore capaz de viver séculos, não custa a acreditar em velhos exemplares, à sombra dos quais procuraram e procuram abrigo do sol sucessivas gerações. Há, por exemplo, no Porto Santo (Serra de Dentro), uma figueira que se diz ter sido plantada pelos primeiros colonizadores da ilha.

Na Madeira, são conhecidas algumas espécies de figos, todas de magníficas qualidades, para o que muito contribuem as circunstâncias inerentes ao clima da ilha.

Embora, sob o ponto de vista botânico, a palavra fruto não seja bem aplicada ao figo, vamos servir-nos desta expressão vulgar. A rigor o figo representa um conjunto de frutos. Duma maneira resumida, a massa carnosa corresponde ao receptáculo e pariante; os carpósculos — imprópriamente chamados sementes — correspondem aos aqúenos.

A figueira é uma árvore muito antiga.

No tempo de Plínio, as 29 espécies então conhecidas, tinham largo emprego como medicamento ou alimento.

Claudius Albinus gostava tanto de figos, que preferia sofrer os inconvenientes da indigestão, a sofrer a gula que por este fruto tinha. Segundo um velho escrito este imperador chegou a comer, duma só vez 500 figos!

Para dar a força necessária aos atletas nenhum outro alimento excedia o referido fruto.

Piatão foi também um grande admirador de figos.

Na época própria era costume suprimir aos escravos a ração de pão, substituindo-a por figos.

Linneu verificou que as pessoas magras e definhadas se tornavam gordas e robustas, comendo «fruta de leite», em abundância.

Rufus ia mais longe, afirmando que o figo, por si só, bastava para sustentar o corpo.

Este conceito alusivo à nutrição, não tardou a persuadir toda a gente. Mal fosse ouvido o canto da cigarrar, podiam as pessoas humildes contar com os benefícios da figueira que, além da sombra, lhes dava o alimento indispensável à vida. Por isso diz o provérbio «no tempo dos figos não há pobres».

Conforme a opinião de Antoine Constantin os figos não permanecem muito tempo no ventre; eles purificam o sangue, beneficiam os pulmões assim como os rins.

Outra velha afirmação: «o figo vale mil vezes mais do que o ouro».

Quasi todas estas citações falam a favor do figo. Mas já na antiguidade, a propósito de tubos, apareciam destractores...

Assim, entre outras acusações, fazia-se a afirmação de que o uso dos figos frescos contribuía para relaxar a «fibras vivas», dando consequência, lugar a hérnias.

Imputava-se também outrora, sem razão, aos figos, as febres palustres. Apesar de não ser conhecido, nessa altura, o verdadeiro agente de tais febres, toda a atenção dos médicos autênticos, convergia para os pântanos que parlavam os veículos do parasita causal, como mais tarde ficou desastrado.

Basta de referências antigas — passemos a analisar o que se diz actualmente.

Seria lógico, nesta altura, reproduzir a composição química do figo, mas, por conveniência, reservamos para o fim o quadro que lhe diz respeito.

O vulgo emprega a expressão «fruta de leite» para indicar o figo. É que o fruto, como de resto todas as partes da figueira, encerra um látex.

As experiências a que procederam os investigadores, dão o látex como dotado de propriedade de digerir a

febrina. Mr. Jerber compara-o ao suco pancreático.

O produto em questão foi objecto de estudos muito interessantes, reconhecendo-se que ele possui uma amilase, cuja acção sacrificante, sobre as papas de amido, é favorecida por pequenas doses de cloreto de cálcio. Quer dizer: com essa substância podemos obter efeitos idênticos aos da ptiatina encontrada na saliva.

Mas ao lado do amilase e látex contém ainda uma protease a qual influencia poderosamente no leite, sobretudo fervedo. Semelhante acção já era conhecida dos antigos, porque no tempo de Homero empregavam o leite de figueira para fabricar o queijo.

Outra propriedade notável do látex: — transformar a carne rija em carne tenra. Plutarco conta que, graças a este processo, certo cosinheiro teve a habilidade de apresentar um galo bastante velho, cuja carne, muito tenra, dava a ilusão da carne frango.

Modernamente, vemos indicado o látex de determinada espécie de figueira para combater um parasita intestinal muito comum — o tricocéfal do homem.

Os figos devem ser ingeridos bem maduros, pois, de contrário, produzem cólicas e diarreias.

Qualquer que seja pois a espécie de figo só se deve comer quando completamente maduro, constituindo assim um dos melhores frutos a aconselhar, a quem sofre de prisão de ventre devida a atonia.

Notável é também, o seu poder nutritivo. 100 gramas de figos frescos fornecem 100 calorias. Razão tinham os antigos para aconselhá-los aos atletas.

E, quando o figo pesado, que há a dizer?

Fixemos a nossa atenção no quadro publicado no final. Reconhece-se que a dissecação permite concentrar os princípios azotados e hidrocarbonados. Este facto é tão evidente que 100 gramas de figos passados, equivalem a 250 calorias.

A quantidade de assucar nos figos passados é de tal ordem que se os fervermos na água, durante muito tempo, obtemos um xarope.

100 gramas de figos passados contém nada menos de 48, 4 grs. de açúcar; a mesma porção de figos frescos encerra, apenas, 3,7 grs.

As inflamações benignas do aparelho respiratório, as anginas, etc., podem lucrar com preparados obtidos à custa dos figos passados.

Vamos terminar o artigo apresentando aos leitores, como prometemos, um quadro sobre a composição química dos figos. A percentagem de cada um dos componentes foi determinada em atenção ao estado em que se encontra o fruto (figo fresco, figo passado). Para mais fácil confronto dispusemos os respectivos números em colunas separadas e paralelamente uns aos outros.

**Figos frescos:** — Agua, 84,8; Matérias azotadas, 0,79; Matérias gordas, 0,32; Matérias extractivas, 12,15; Celulose, 1,23; Cinzas, 0,71.

**Figos passados:** — Agua, 0,00;

Matérias azotadas, 5,20; Matérias gordas, 2,10; Matérias extractivas, 79,94; Celulose, 8,66; Cinzas, 4,70.

### Uma saudação à Imprensa

Da Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros V. de Guimarães recebemos o seguinte e cativante officio, que nos cumpre agradecer na parte que nos diz respeito:

«... Sr. Director do Notícias de Guimarães — Guimarães.

Tenho a honra de informar V... de que em reunião da Assembleia Geral de 19 do corrente foi exarado na respectiva Acta um voto de reconhecimento à Imprensa local e correspondentes dos jornais diários, pela isenção e carinho manifestados pela acção e serviços que esta Humanitária Associação presta à cidade e concelho.

Interpretando o agradecimento da Direcção e Comandantes do Corpo Activo, subscrevo-me com a maior consideração e estima

A Bem da Humanidade

Guimarães e Secretaria da A. Humanitária dos Bombeiros Voluntários, 24 de Março de 1947

Pela Direcção

O 1.º Secretário

Amadeu José de Caryvalho.

### REPRESENTAÇÕES

dos diversos artigos a colocar nos Armazéns de Malhas, Miudezas e Fendas Brancas, nos Distritos de Aveiro, Coimbra, Santarém, Leiria e Vizeu (Centro).

PRETENDE:

**AGÊNCIA CENTRAL DE REPRESENTAÇÕES**

Passeio Infante D. Henrique, 31

Telefone, 323

**FIGUEIRA DA FOZ** 409

com clientela já adquirida há anos e êxitos assegurados. Dão-se e pedem-se referências bancárias e comerciais.

**PIANOS E ÓRGÃOS**

Exposição no L. 28 de Maio, 98 1.º = Guimarães =

**COMPRA \ VENDE \ ALUGA**

Afinações e Reparações

Técnico e Proprietário:

(400) **Delfim Ferreira Peixoto.**

**Propriedade em S. Martinho de Sande**

Composta de 2 casas térreas e terreno de horta, tudo junto e vedado por parede; vinha nova; carro à porta.

**VENDE:**

**Florêncio de Matos — Guimarães.**

## Livros & Jornais

O Mistério do Combóio feliz — por Henry Marshall.

Mais uma novela policial da Editorial Gleba. O expresso Eudapest - Roma transportava as mais graduadas patentes da inteligência e do mundanismo. Em viagens felizes e invejadas, repoltravam-se nas suas carruagens de luxo os magnates da Finança e do Comércio, os privilegiados espíritos da ensemesmação, a mulher espumante que faz endoidecer, pelo menos de momento, e o D. Juan louvaminheiro que se julga irresistível. A meio da viagem aparece, certa vez, um homem morto. Quem seria o autor do crime? Como se teria dado? Pode duvidar-se de tão gradas personagens que tinham marcado o seu lugar naquele combóio? Conheciam-se os pormenores dos viajantes daquela carruagem de luxo, em que se dera o alarme de um homicídio, porque, a seguir, ia outra carruagem misteriosa que a polícia vigiava. Em casos destes, suspeita-se de todos, enquanto não se encontrarem razões individualizadas. O capitão Fáludi começa o interrogatório. Deste interrogatório, deduz-se um facto certíssimo na vida: Procura-se o grande criminoso, o mundo prende-se pelo nome daqueles que andam nos jornais como participantes de erros detestáveis. No entanto, no fundo da consciência de cada homem, tanto no extraordinariamente rico como naquele que ocupa posições invejáveis na vida, há um segredo, muito recôndito, muito pessoal, que muitas vezes é crime e que muitas vezes é aguilhão que despedaça alegrias nos «bas-fondes», do pensamento. Esta novela tem, pois, um encanto humano que raras vezes se encontra em obras deste género: É uma obra policial de consciências, por excelência. Lê-se com alma, lê-se com perfeita compreensão e lê-se com ardor. (Editorial Gleba, Ld. — Lisboa).

F. T.

O livro que faltava... apareceu finalmente!

### EÇA DE QUEIROZ

O Romance da sua Vida e da sua Obra

Por GENTIL MARQUES.

A expectativa com que foi aguardado este novo trabalho literário de Gentil Marques, justifica-se plenamente. Entre a vasta bibliografia sobre a figura e a obra de Eça de Queiroz, notava-se de há muito a falta dum romance biográfico, sério, consciencioso, que nos revelasse a vida do grande escritor, com as suas alegrias e as suas tragédias. Apenas o escritor brasileiro Viana Moog tentara o género. Mas o seu livro mais se deve considerar um estudo biográfico — do que um romance biográfico.

Coube portanto a Gentil Marques a primazia de apresentar um verdadeiro romance da vida e da obra de Eça de Queiroz. O carinho, o entusiasmo, o interesse com que ele se despenhou da sua tarefa, aliás bem árdua e espinhosa vêm expressos no curto mas original prefácio da obra. Escreveu Gentil Marques: «Com os seus defeitos e as suas virtudes, com a sua separação e o seu cepticismo, com as suas alegrias e as suas tristezas, com a sua ironia e o seu drama — V., meu caro Eça de Queiroz, está vivo, pelo menos para mim, nas páginas desta obra que resultou, afinal, da comunhão dos nossos próprios sonhos e do amalgama das nossas ideias».

Eis, de facto, um livro que surge no momento oportuno — vindo não só preencher uma lacuna, mas também constituir um briude para todos os sinceros e inúmeros admiradores do excepcional autor de «Os Maias», — e de toda a admirável obra queiroziana. Ao lado dos seus volumes, deve colocar-se «Eça de Queiroz — o Romance da sua vida e da sua obra», — por Gentil Marques. E assim ficarão a conhecer melhor o próprio Eça de Queiroz.

Aliás o volume de Gentil Marques, apesar das suas quatrocentas e cinquenta páginas que — vão deade a noite tempestuosa em que Eça nasceu num pequeno quarto da Praça do Almada em Póvoa de Varzim, até aos seus derradeiros momentos, na casa parisiense de Neuilly — lê-se quase num fôlego, num crescente interesse de página para página.

É para o grande êxito de «Eça de Queiroz — o Romance da sua vida e da sua obra», muito deve ter contribuído decerto a magnífica apresentação gráfica com que Edições Romano Torres o lançou no mercado livreiro.

**CERA** para encerrar soalhos, das melhores marcas e com embalagem de folha.

**PREÇO . . . 8450**

Acelta-se a embalagem, quando em bom estado, por 1800.

**Alberto Pimenta Machado**

(Secção de Móveis)

**AS FÁBRICAS DE TEGELAGEM**

Vende-se um hidro-extractor para 6 maços.

Prestam-se esclarecimentos na redacção deste jornal.

### Sociedade Protectora dos Animais

#### Um esclarecimento

Na minha qualidade de presidente da Assembleia Geral da Sociedade Protectora dos Animais, deste concelho de Guimarães, cumpre-me esclarecer o seguinte:

Não tem passado despercebido a esta colectividade o *condenável* processo como são apanhados os cães na via pública e nesse sentido se tem manifestado a respectiva Direcção, embora sem os resultados desejados. Quanto a mim, chamei a atenção do Ex.º Presidente da Câmara para esse caso, na última reunião do Conselho Municipal efectuada no dia 14 do passado mês de Fevereiro, perante o que Sua Ex.ª me prometeu que seriam tomadas as devidas providências, afim de ser substituído o processo do *laço de arame* ou — como outros lhe chamam, talvez com mais acertada designação — o processo do *enforcamento*. Supponho, por isso, que as providências prometidas serão tomadas o quanto antes, razão por que as pessoas que se têm dirigido à S. P. A., com o fim de protestar contra o facto em referência deverão aguardar, com calma e com prudência, a resolução da Ex.ª Câmara, que, por certo, não contrariará o que me foi prometido pelo seu digno Presidente.

Guimarães, 4/4/47.

Mário de Sousa Mences.

**Sulfato de cobre a 5\$70**

Reinaldo, Martins & Gonçalves, Ltd.

**Sulfato de cobre**

Quilo 5\$72 por sacco e a dinheiro. Entrega-o imediatamente **A. J. Ferreira da Cunha**, a quem deve ser dada a preferência por ser ele a quem se deve este preço, pois havia quem quizesse que fosse vendido a Esc. 6\$00.

Praça de D. Afonso Henriques 417 38 — GUIMARÃES — 39

**António José Ferreira**

Afinador de Pianos 401

**Rua D. Frei Caetano Brandão BRAGA**

**Grande área de terreno,** para construção, junto à cidade, vende **FLORENCIO DE MATOS — Guimarães.**

**VENDE-SE**

Quinta situada na freguesia de S. Martinho de Sande, com rendimento de 5 carros, grande extensão de bravia e grandes nascentes de água.

Vendem-se igualmente 4 prédios situados nesta cidade.

Nesta Redacção se informa.